

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

CARLA SOUSA DA SILVA

**Biblioterapia no Brasil e na Polônia: distâncias e aproximações a
partir da literatura científica**

Florianópolis
2017

CARLA SOUSA DA SILVA

Biblioterapia no Brasil e na Polônia: distâncias e aproximações a partir da literatura científica

Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento, eixo Profissionais da Informação, Competência Informacional e Leitura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clarice Fortkamp Caldin

**Florianópolis
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva , Carla Sousa da
Biblioterapia no Brasil e na Polônia :
distâncias e aproximação a partir da literatura
científica / Carla Sousa da Silva ; orientador,
Clarice Fortkamp Caldin, 2017.
103 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
de Santa Catarina, Centro de Ciências da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

\endash Ciência da Informação. 2.
Biblioterapia. 3. Biblioterapia de
Desenvolvimento. 4. Biblioterapia no Brasil. 5.
Biblioterapia na Polônia. I. Caldin, Clarice
Fortkamp. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação. III. Título.

CARLA SOUSA DA SILVA

**BIBLIOTERAPIA NO BRASIL E NA POLÔNIA:
DISTÂNCIAS E APROXIMAÇÕES A PARTIR DA LITERATURA
CIENTÍFICA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

**APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM
FLORIANÓPOLIS, 29 DE MAIO DE 2017.**

Prof^a. Rosângela Schwarz Rodrigues, Dr^a.
Coordenadora do curso

Prof^a. Clarice Fortkamp Caldin, Dr^a.
Orientadora – UFSC/CIN/PGCIN

Banca examinadora:

Prof^a. Elisa Cristina Delfini Correa, Dr^a.
Examinadora externa – UDESC/DBI

Prof^a. Marisa Brascher, Dr^a.
Examinadora interna – UFSC/CIN/PGCIN

Prof^a. Marli Dias de Souza Pinto, Dr^a.
Examinadora interna – UFSC/CIN/PGCIN

Dedico este trabalho aos meus pais que me colocaram no mundo a fim de que eu pudesse viver esta e outras histórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo por ter me presenteado com as pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho e que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho e para a elaboração de um novo Eu. Agradeço ao Universo pelo chamado e por eu ter dado ouvidos ao meu coração. Se não fosse isso, nada disto teria virado realidade. Gratidão eterna!

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

[...] E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Marina Colassanti

RESUMO

A Biblioterapia é compreendida como um campo interdisciplinar e tem suporte em diferentes áreas, tais como a Biblioteconomia, Literatura, Psicologia e Filosofia. Esclarece-se que a prática biblioterapêutica está dividida em dois tipos: Desenvolvimento e Clínica. Neste trabalho, o foco foi dado no primeiro tipo, por se tratar de uma atividade que pode ser exercida pelo bibliotecário. O objetivo principal da pesquisa foi analisar características da prática da Biblioterapia de Desenvolvimento no Brasil e na Polônia com base na literatura científica brasileira e polonesa publicada entre 2000 e 2015. Os objetivos específicos foram: a) identificar a participação de bibliotecários no fazer biblioterapêutico no Brasil e na Polônia; b) apontar os principais locais de aplicação da Biblioterapia no Brasil e na Polônia; c) verificar as estratégias de desenvolvimento e o público a que se destinam as atividades de Biblioterapia no Brasil e na Polônia. O corpus da pesquisa é composto por artigos sobre a prática da Biblioterapia publicados nos dois países e indexados em bases de dados da área da Ciência da Informação, são elas: a LISA e a BRAPCI. No total, foram analisados 13 artigos brasileiros e 10 artigos poloneses. A fundamentação conceitual e teórica foi construída a partir do diálogo entre autores de diferentes áreas e traz elementos da filosofia hermenêutica de Gadamer. Como procedimento metodológico aplicou-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin. Sendo assim, os objetivos específicos foram divididos em três categorias de análise: Quem? Onde? Como e para quem? Tais categorias serviram de baliza para analisar as características da Biblioterapia praticada no Brasil e na Polônia. Por fim, a análise dos artigos revelou algumas distâncias e aproximações da prática nesses dois países. Vale destacar que o modo de fazer apontado nos artigos brasileiros e poloneses é semelhante, com destaque para o uso da literatura e os elementos do diálogo e da interação. Já em relação a quem faz e onde faz, foram identificadas algumas diferenças como a presença da Biblioterapia no fazer do bibliotecário e nas bibliotecas polonesas, enquanto no Brasil prevalece a presença da atividade em hospitais e asilos aplicada muitas vezes por estudantes e docentes de Biblioteconomia. Conclui-se enfatizando alguns exemplos da Biblioterapia na Polônia que podem ajudar a desenvolver a prática no Brasil e reforçando a necessidade de pesquisas mais abrangentes sobre a temática no Brasil.

Palavras-chave: Biblioterapia. Biblioterapia de Desenvolvimento. Bibliotecário. Biblioterapia no Brasil. Biblioterapia na Polônia.

ABSTRACT

Bibliotherapy is understood as an interdisciplinary field and has support in different areas, such as Librarianship, Literature, Psychology and Philosophy. In this dissertation Bibliotherapy is understood as a care to human being through stories read, narrated or dramatized. The practice of bibliotherapy is divided into two types: Development and Clinical. In this work, the focus will be given in the first type, because it is an activity that can be exercised by the librarian. The main objective of the research was to analyze the characteristics of the practice of Developmental Bibliotherapy in Brazil and Poland based on the Brazilian and Polish scientific literature published between 2000 and 2015. The specific objectives were: a) to identify the participation of librarians in the bibliotherapy practice in Brazil And in Poland; B) to point out the main places of application of Bibliotherapy in Brazil and Poland; C) to verify the development strategies and the public to which the activities of Bibliotherapy in Brazil and in Poland are destined. To reach these objectives, were selected articles focused on the bibliotherapy practice of these two countries indexed in the BRAPCI and LISA databases. The conceptual and theoretical foundation was built from the dialogue between authors from different areas and brings elements of the hermeneutic philosophy of Gadamer. As a methodological procedure, the Bardin content analysis proposal was applied. Thus, the specific objectives were divided into three categories of analysis: Who? At where? How and for whom? These categories served as a beacon to analyze the characteristics of Bibliotherapy practiced in Brazil and Poland. Finally, the analysis of the articles revealed some distances and approximations of the practice in these two countries. It is worth mentioning that the way of doing it pointed in the Brazilian and Polish articles is similar, highlighting the use of literature and the elements of dialogue and interaction. Regarding who does and where it does, some differences have been identified such as the presence of Biblio-therapy in the librarian's work and in the Polish libraries, while in Brazil the presence of the activity in hospitals and asylums is often applied by students and librarians. It concludes by emphasizing some examples of Biblioterapia in Poland that can help develop the practice in Brazil and reinforcing the need for more comprehensive research on the subject in Brazil..

Keywords: Bibliotherapy. Developmental Bibliotherapy. Librarian. Bibliotherapy in Brazil. Bibliotherapy in Poland.

RESUMEN

La Biblioterapia es comprendida como un campo interdisciplinario y tiene soporte en diferentes áreas, tales como la Biblioteconomía, Literatura, Psicología y Filosofía. En esta disertación se conceptualiza la Biblioterapia como un cuidado con ser por medio de historias leídas, narradas o dramatizadas. Se aclara que la práctica biblioterápica está dividida en dos tipos: Desarrollo y Clínica. En este trabajo, el foco se dará en el primer tipo, por tratarse de una actividad que puede ser ejercida por el bibliotecario. El objetivo principal de la investigación fue analizar características de la práctica de la Biblioterapia de Desarrollo en Brasil y Polonia con base en la literatura científica brasileña y polaca publicada entre 2000 y 2015. Los objetivos específicos fueron: a) identificar la participación de bibliotecarios en hacer biblioterapéutico en Brasil y en Polonia; B) señalar los principales lugares de aplicación de la Biblioterapia en Brasil y en Polonia; C) verificar las estrategias de desarrollo y el público al que se destinan las actividades de Biblioterapia en Brasil y en Polonia. Para alcanzar tales objetivos, se seleccionaron artículos sobre la práctica biblioterápica de estos dos países indexados en las bases de datos BRAPCI y LISA. La fundamentación conceptual y teórica fue construida a partir del diálogo entre autores de diferentes áreas y trae elementos de la filosofía hermenéutica de Gadamer. Como procedimiento metodológico se aplicó la propuesta de análisis de contenido de Bardin. Por lo tanto, los objetivos específicos se dividieron en tres categorías de análisis: ¿Quién? ¿Dónde? ¿Cómo y para quién? Estas categorías sirvieron de baliza para analizar las características de la Biblioterapia practicada en Brasil y en Polonia. Finalmente, el análisis de los artículos reveló algunas distancias y aproximaciones de la práctica en estos dos países. Vale la pena mencionar que la forma de hacerlo puntualizada en los artículos brasileños y polacos es similar, destacando el uso de la literatura y los elementos de diálogo e interacción. En cuanto a quién lo hace y dónde lo hace, se han identificado algunas diferencias como la presencia de la Biblioterapia en el trabajo del bibliotecario y en las bibliotecas polacas, mientras que en Brasil la presencia de la actividad en hospitales y asilos es a menudo aplicada por estudiantes y bibliotecarios. Concluye haciendo hincapié en algunos ejemplos de Biblioterapia en Polonia que pueden ayudar a desarrollar la práctica en Brasil y reforzar la necesidad de una investigación más amplia sobre el tema en Brasil.

Palabras clave: Biblioterapia. Biblioterapia de Desarrollo. Bibliotecario. Biblioterapia en Brasil. Biblioterapia en Polonia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	12
1.1.1 Pessoal	14
1.1.2 Científica	16
1.2 Problema	17
1.3 Objetivos	17
1.3.1 Geral	18
1.3.2 Específicos	18
2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA	19
2.1 Biblioterapia	19
2.2 Biblioterapia em contexto: aspectos culturais e históricos do Brasil e da Polônia	27
2.3 Hermenêutica	36
2.3.1 Hermenêutica de Gadamer	37
2.3.2 Hermenêutica e Biblioterapia	40
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3.1 Tipo de pesquisa	49
3.2 Análise de conteúdo	53
3.3 A postura do pesquisador/ <i>bricoleur</i> na arte da interpretação	55
3.4 Os retalhos: corpus da pesquisa	58
3.4.1 Artigos poloneses	59
3.4.2 Artigos brasileiros	63
3.5 Categorias de análise	68

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	69
4.1 Biblioterapia no Brasil: quem, onde, como e para quem.....	69
4.2 Biblioterapia na Polônia: quem, onde, como e para quem	78
4.3 Distâncias e aproximações: Brasil x Polônia.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

[...] o dom essencial da história tem dois aspectos: que no mínimo reste uma criatura que saiba contar a história e que, com esse relato, as forças maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança sejam continuamente invocadas a se fazerem presentes no mundo (ESTÉS, 1998, p.9).

Tal como a Moça Tecelã de Marina Colassanti que tece noite e dia seu lindo tapete com fios delicados e coloridos, essa dissertação também foi tecida com todo esse cuidado e apreço, tendo como fio condutor a Biblioterapia, ou seja, a potência terapêutica das histórias sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas. Essa potência do cuidado, ou como Estés prefere chamar esse —dom essencial das histórias‖ tem diferentes nuances a serem exploradas.

Em Biblioterapia, tanto a concepção de livro como a de leitura é mais ampla do que a comumente utilizada, pois o livro ultrapassa o suporte escrito e a leitura se amplia para uma leitura de mundo, de si mesmo e do outro. A leitura, aqui entendida, pressupõe o diálogo e a interação com todos os envolvidos no processo para que seja possível a produção de sentido. Sendo assim, utilizo o termo interagente ao me referir àquele que participa das atividades de leitura terapêutica.

A concepção da palavra terapia por vezes também está carregada de significados. Mas dentro do contexto deste trabalho, entendo a terapia como o cuidado com o outro. Explícito que na Biblioterapia o ato de cuidar acontece por meio da palavra seja ela escrita ou falada.

Acredito ser relevante falar sobre a oralidade por diversos motivos. Primeiro, foi através das narrativas orais que as histórias puderam atuar de forma terapêutica antes mesmo da invenção da escrita e da difusão do livro. Segundo, é através da oralidade que se constrói o diálogo, um elemento fundamental quando se trata de Biblioterapia. Terceiro, as narrativas orais vinham acompanhadas de performance gestual: olhares irônicos ou assustados, sonoridades como gargalhada ou bocejo, claudicância ou dança, entre outras.

Na atualidade teclamos mais do que falamos, nos relacionamos mais virtualmente do que pessoalmente e temos cada vez menos tempo para cuidar de nós mesmo e do outro. Por isso, não só na área da Ciência

da Informação (CI), como em qualquer área que envolva o Ser humano, esses temas podem ser sempre bem-vindos. E aqui eu abro espaço para falar sobre eles através do fio condutor da Biblioterapia, ou seja: o cuidado com o outro por meio das histórias.

Destaco um campo específico da Biblioterapia, conhecido como Biblioterapia de Desenvolvimento, também denominada em outros países de biblioterapia criativa, imaginativa ou educacional – executada por profissional que não seja da área médica, como bibliotecários e professores, por exemplo. Também ocorre a utilização de outros termos como literaturaterapia e ainda contoterapia e poesiaterapia, bem menos comuns, mas presentes em países como a Polônia, por exemplo. Aproveito para falar que citarei alguns autores poloneses para desenvolver a temática e analisarei artigos de periódicos poloneses sobre a prática da biblioterapia nesse país, ao mesmo tempo em que também farei a análise das práticas brasileiras a partir de artigos selecionados nos periódicos brasileiros.

Neste trabalho apresento algumas pistas de como isso vem ocorrendo por meio de projetos desenvolvidos em diferentes espaços e a partir de algumas sugestões de atividades biblioterapêuticas relatadas nos artigos selecionados para a análise proposta.

Previamente, é possível afirmar que a Biblioterapia encontrou campo fértil na Polônia, país que sofreu os horrores de duas guerras mundiais, dentre outros conflitos e crises internas que só deram trégua muito recentemente. Por lá, a Biblioterapia possui algumas nuances particulares que apontarei ao longo da análise.

Já no Brasil, a Biblioterapia aparece como campo de pesquisa na década de 1970 e vem sendo praticada e estudada por pessoas ligadas especialmente à área da Biblioteconomia (SILVA, 2005).

Partindo da análise dessas duas realidades, a preocupação foi verificar as distâncias e aproximações nas práticas biblioterapêuticas do Brasil e da Polônia.

1.1 Justificativa

Mas, por que a Polônia? Eu poderia, simplesmente, responder porque sim!⁶ ou dizer que me interesse pelo desconhecido, gosto de transitar entre os estranhos. Se bem que, aos poucos, descobri que existem muitos estranhos não tão desconhecidos de origem polonesa, como a poetisa Wislawa Szymborska, que ganhou o prêmio Nobel de Literatura, em 1996. Ou a primeira mulher a ser laureada duas vezes

pelo Premio Nobel, Marie-Curie Sklodowska, em 1903 com o Nobel de Física e em 1911, de química. Ela é a única mulher do mundo com esse feito. E ainda cabe lembrar dois ilustres poloneses que deixaram um importante legado para a humanidade em duas áreas bem distintas; são eles: o músico Chopin e o filósofo Zigmunt Baumant.

No entanto, compreendo que o meu querer não justifica um trabalho dissertativo. E a justificativa que eu trago, então, é de que a Polônia é um país que pode ensinar o Brasil a se desenvolver no campo Biblioterapia, pois há muito tempo vem utilizando as histórias como medicina para a alma, uma prática que demonstra o cuidado com o outro, com o ser humano.

Percebo que a ampliação do foco das pesquisas no campo da Ciência da Informação em consonância com a sua natureza interdisciplinar requer trabalhos que estejam mais voltados para o sujeito e a subjetividade, ou seja, o ser humano com todas as mazelas pessoais e sociais, —Mesmo havendo um redemoinho de vento levando em outra direção: ciência – racionalidadel (BORTOLIN, 2010, p.16).

Nesse sentido, cito Capurro (2003) e o paradigma social da CI, que vem a ser uma nova forma de encarar o processo informacional com foco no individuo e nas suas necessidades particulares. Para ele, —não é difícil ver aqui a relação entre nossa disciplina e o trabalho sempre difícil e arriscado de interpretar|, isso porque esse processo —abrange todos os problemas reais e não menos obscuros e *anômalos* do existir humano| (CAPURRO, 2003, p.14, grifo do autor).

Sob esse novo paradigma se faz necessário —tramar diversos conceitos de informação mostrando a tessitura complexa da linguagem comum e da teorização científica em torno desse conceitoll, sem descartar —a sua relação com a realidade social e natural que o possibilitall (CAPURRO, 2003, p.14-15).

O presente trabalho surge então, a partir dessa preocupação de trazer para a CI uma abordagem da dimensão social e humana da CI, tendo como fio condutor a Biblioterapia. Mas para além da questão social, o que move o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa são inquietações - tanto pessoais quanto científicas que serão apresentadas a seguir. Antes disso, gostaria de justificar a forma como este trabalho foi escrito.

Optei por uma linguagem em primeira pessoa porque não consigo me ver como uma máquina, objetiva e impessoal, que apenas reproduz dados. Também acredito que o tema, Biblioterapia, pede mais leveza. Eu não saberia falar sobre a leitura terapêutica de uma forma dura. E pensando nos leitores, parto em busca de uma nova maneira de

me expressar, pois gostaria que este trabalho fosse lido de maneira leve e prazerosa.

Além disso, defendo que é preciso incluir o sujeito nas pesquisas da CI. Sendo assim, preciso começar me incluindo enquanto sujeito nesse processo. E a linguagem permite que nos coloquemos de forma mais ativa no mundo.

Como afirma Gadamer (2011, p.64), baseado no pensamento de Aristóteles, —o homem é o ser que tem a fala. A linguagem, sobretudo, —estabelece e se responsabiliza pelos objetivos comuns, com os quais os seres humanos, por natureza, forjam a sua forma social de ser-aí humano no mundo. (GADAMER, 2011, p.65).

Eu sou esse ser. Sou complexa. Como todos os seres. E como tal, a objetividade e a subjetividade me compõem e me completam. São faces da mesma moeda. E é nesse diálogo que a pesquisa vai tomando forma. E, paralelamente à pesquisa, eu, pesquisadora humana, e a linguagem que utilizei, também foram se delineando.

Mas devo confessar que apesar da linguagem onde aparece apenas um eu, este trabalho é uma peça tecida a quatro mãos, em que é possível perceber o delicado toque da minha orientadora e parceira da pesquisa Clarice Fortkamp Caldin, que me autorizou e incentivou que escrevesse na primeira pessoa do singular. No entanto, a presença dela é forte, não só pelas considerações que ela fez ao longo da fabricação deste tecido, mas porque ela foi uma inspiração para tecê-lo.

1.1.1 Pessoal

Particularmente, falar sobre Biblioterapia é mergulhar num espaço de leveza - tão necessário nos tempos atuais. As histórias, segundo Estés (2014, p.34), —lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas.

Isso é terapia por meio das histórias. Simples assim. Sem regras. Sem formas duras. Essa simplicidade e naturalidade por meio da qual as histórias agem no ser humano tem o grande potencial de devolver um pouco do equilíbrio perdido no dia a dia.

Tudo isso eu senti na prática com minhas leituras. Sempre fui uma devoradora de livros, mais especificamente a partir do início da adolescência, já que na infância minhas bonecas e as aventuras nos galhos da goiabeira do quintal de casa davam conta de preencher minha imaginação com as histórias que protagonizávamos.

Depois das bonecas e da goiabeira, os livros empoeirados do meu pai que ficavam no quartinho do fundo da nossa casa passaram a ser meus companheiros. Desde Paulo Coelho a Graciliano Ramos, passando por Clarice Lispector, Khalil Gibran, e tantos outros. Com eles fiz muitas viagens e conheci o poder da linguagem e da literatura.

Talvez tenha sido por causa deles que resolvi ser jornalista, minha formação na graduação. Para escrever o que penso e o que sinto. Até perceber que no jornalismo (e não só no jornalismo!) é muito difícil escrever sobre o que se pensa e o que se sente. Depois de alguns anos, desisti da profissão. Fui buscar outros meios de me completar e de servir de uma forma um pouco mais efetiva à sociedade.

Comecei a trabalhar com projetos de leitura e contação de história e foi aí que ingressei no curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Sergipe (UFS), pois imaginava que seria uma área onde me sentiria mais próxima das pessoas. Sairia do papel de produtora de informação, que fui enquanto jornalista, para um papel de difusora da informação e incentivadora da leitura.

Mas não me senti tocada pela Biblioteconomia. Um fato que sempre me incomodou, enquanto estudante de Biblioteconomia, é que muitos profissionais e pesquisadores da área se restringem ao estudo e ao aperfeiçoamento de métodos e técnicas que visam melhorar o processo informacional. O sujeito que está no início, no meio e no final do processo quase sempre é esquecido. As máquinas e os processos ganham muito mais destaque e atenção em detrimento do ser humano e sua sensibilidade.

Entretanto, nessa trajetória, ainda na graduação de Biblioteconomia (curso que iniciei na UFS, transferi para Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e que me afastei temporariamente), descobri que havia uma área que contemplava o indivíduo: a Biblioterapia. E não só isso. Também se preocupava com o indivíduo em sua totalidade, enquanto ser integral, constituído de aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais.

Ao me debruçar sobre os primeiros textos sobre a Biblioterapia, percebi que no Brasil a bibliografia sobre o tema é escassa, o que revela o pouco interesse dos pesquisadores em relação ao assunto. Mesmo em outras áreas afins que naturalmente poderiam trabalhar a temática pela sua natureza interdisciplinar, como a medicina, pedagogia, psicologia, letras e educação, a produção também é incipiente.

Daí surgiu o interesse de verificar o que vem sendo produzido além das fronteiras brasileiras sobre a Biblioterapia para ampliar os horizontes sobre o assunto. Logo em seguida, como fruto da

sincronicidade do universo, pesquisadores poloneses fizeram contato com a professora Clarice, minha orientadora, propondo um intercâmbio de pesquisas sobre a Biblioterapia no Brasil e na Polônia.

A partir do convite e do interesse inusitado de pesquisadores tão distantes, avaliamos a possibilidade de explorarmos novos territórios da Biblioterapia. E assim, surgiu este trabalho de pesquisa.

Particularmente, tudo o que me é estranho me causa interesse. Gosto de mergulhar em mundos desconhecidos, seja através de viagens ou de leituras. Por isso deixei meu lugar de origem, Aracaju, e vim para Florianópolis. Diante desse interesse particular que tanto me move, me fascinou a ideia de poder realizar esta pesquisa e conhecer melhor outro país, outra cultura e outras leituras de mundo.

1.1.2 Científica

No entanto, a decisão pelo objeto de estudo foi motivada muito mais do que pela simples curiosidade. Avaliamos e constatamos (eu e minha orientadora) que, de fato, a Polônia se configura como um país de destaque na área da Biblioterapia. Além disso, acreditamos que os estudos e pesquisas polonesas sobre o tema podem colaborar com o amadurecimento da Biblioterapia no Brasil.

Sendo assim, verificar o que outros países vêm produzindo – nesse caso, a Polônia especificamente – surge como uma saída possível. Além disso, a análise do material produzido pelos pesquisadores poloneses poderá contribuir para enriquecer o trabalho de pesquisadores brasileiros que venham a se interessar pelo tema no futuro. Mas por que a Biblioterapia de um país tão distante e diferente do Brasil pode interessar aos pesquisadores brasileiros?

Primeiro, a Polônia não está tão distante do Brasil como parece. Existem diversas comunidades de poloneses localizadas especificamente nos três Estados que formam a região sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A emigração polonesa ocorreu durante os séculos XIX e XX. Segundo Mazurek (2010), até 1914 mais de 100 mil poloneses já haviam se estabelecido no Brasil para recomençar suas vidas longe do terror da dominação e das guerras. E continua:

A existência de uma numerosa coletividade polonesa no Brasil levou cientistas, viajantes e escritores poloneses a adotar a temática brasileira. Isso resultou numa enorme massa de trabalhos

científicos, reportagens, memórias, contos e romances que abordavam não apenas as condições de vida dos colonos poloneses, mas também o exotismo, a beleza e a riqueza da natureza brasileira (MAZUREK, 2010, p.78)

Depois de sofrer com duas guerras mundiais e a dominação comunista, a sociedade polonesa só se viu livre em 1989. Foi a partir daí que começou a se reestruturar política, econômica e culturalmente. —Pela primeira vez em séculos não ameaçada por guerras ou partilhas, empreendeu uma corajosa série de reformas, buscando compensar o atraso civilizacional (MAZUREK, 2010, p. 82).

O resultado dessas mudanças pode ser medido inclusive pelo destaque da Polônia em termos educacionais. O sistema educacional polonês passou por uma grande reforma em 1999 para tentar apagar de vez os resquícios do comunismo, que limitavam o desenvolvimento dos jovens, estratégias que vêm apresentando resultados muito positivos para o país.

No último ranking feito em 2015 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que avalia a educação de jovens no mundo inteiro, a Polônia aparece na 22ª posição – enquanto o Brasil ocupa a 64ª – entre os 72 países pesquisados (OECD, 2016). Um dado relevante que tem colocado a Polônia em evidência nos últimos anos. Sem dúvida, a educação é vista como peça fundamental no desenvolvimento do país. E muito tem sido feito nesse sentido nos últimos anos.

1.2 Problema

Diante do que já foi exposto, este projeto de pesquisa propõe uma reflexão que traz como problema principal a seguinte pergunta: Como a prática da Biblioterapia de Desenvolvimento é apresentada na literatura científica brasileira e polonesa?

1.3 Objetivos

Os objetivos cumprem o papel de sinalizar o que se pretende atingir com a pesquisa. Assim, eles apontam a preocupação maior e detalham o que se intenta fazer.

1.3.1 Geral

Analisar características da prática da Biblioterapia de Desenvolvimento no Brasil e na Polônia com base na literatura científica brasileira e polonesa publicada entre 2000 e 2015.

1.3.2 Específicos

- a)** Identificar a participação de bibliotecários no fazer biblioterapêutico no Brasil e na Polônia;
- b)** Apontar os principais locais de aplicação da Biblioterapia no Brasil e na Polônia;
- c)** Verificar as estratégias de desenvolvimento e o público a que se destinam as atividades de Biblioterapia no Brasil e na Polônia.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA

[...] Essas histórias medicinais são tradicionalmente usadas de modos diferentes. Para ensinar, para corrigir erros, para iluminar, auxiliar a transformação, curar ferimentos, recriar a memória. Seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo (ESTÉS, 1998, p.10).

Dedico esta seção à compreensão da Biblioterapia enquanto conceito, prática e filosofia. Para tanto, parto de alguns questionamentos que envolvem a concepção mais comum sobre o termo e que trazem à tona temas como o livro, a literatura e a oralidade. Apresento trabalhos que são referências para as pesquisas sobre o tema (e, por isso, alguns datam do início ou metade do século XX) e defendo o conceito que será utilizado ao longo deste trabalho. Além disso, mostro a Biblioterapia no contexto cultural e histórico do Brasil e da Polônia. Na última subseção mergulho no universo filosófico a fim de refletir sobre a relação da Biblioterapia com a Hermenêutica, para compreender a potência terapêutica da literatura como uma possibilidade de abertura e expansão do Ser humano frente a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

2.1 Biblioterapia

O termo Biblioterapia diz muito pouco sobre o que de fato é. De acordo com sua etimologia, o significado está associado à junção de duas palavras de origem grega *biblio* e *therapeia*, que vem a ser: livro e terapia. Logo, convencionou-se dizer que Biblioterapia é a —terapia por meio de livros (OUAKNIN, 1996, p.11).

A fim de prosseguir no entendimento do que vem a ser a Biblioterapia percebo a necessidade explicar: o que são os livros e de que são feitos?

O livro pode ser entendido de diversas maneiras, mas normalmente é definido como um objeto que carrega algum conteúdo inscrito. Segundo Faria e Pericão (2008, p.458) o livro é uma —transcrição do pensamento por meio de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição.

Para Queiroz (2008, p.16), —culturalmente, o livro é um meio elaborado e conservado com o propósito de transmitir, às gerações

presentes e futuras, o conhecimento já alcançadol. No entanto, a autora faz um pequeno alerta para que a ideia do livro não se reduza simplesmente ao conceito de registro da palavra escrita, pois —nas sociedades orais, por exemplo, os anciãos são como livros ambulantes, que conservam a memória daquela comunidade!.

Em Biblioterapia não é o livro em si, entendido enquanto objeto, que terá uma função terapêutica. A terapia, ou seja, o cuidado com o outro, não se opera administrando _o livro‘ como remédio, como medicamento. _O livro‘ é apenas a cápsula que envolve a essência, a substância, o princípio ativo que poderá reestabelecer o equilíbrio e devolver a harmonia ao Ser.

Sendo assim, fica a pergunta: de que são feitos os livros? Com base nas definições que foram apresentadas, ousou dizer que os livros são feitos de pensamento, experiências e de conhecimentos a fim de que sejam transmitidos e reproduzidos. Mas, retomando Queiroz (2008), antes mesmo da escrita que possibilitou a criação desses suportes todo esse conteúdo já era repassado a partir da oralidade, isso fez com que os anciãos ficassem conhecidos como —livros ambulantes!.

Diante disso, é possível dizer que antes mesmo de existirem os livros já existia a Biblioterapia. Pois, desde que existiu a linguagem oral o ser humano vem transmitindo pensamentos e repassando o conhecimento a partir das histórias, que há muito são utilizadas de forma terapêutica, ou seja, com o objetivo de cuidar do outro. Como destaca Ouaknin (1996, p. 27): —A biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco! Quanto mais longe remontarmos na História, mais encontraremos esta intuição terapêutica do livro e da narrativa!. Das palavras de Ouaknin (1996) destaco a referência feita à narrativa, pois pouca atenção tem sido dada a essa prática que remete aos primórdios da Biblioterapia, ou seja, a oralidade, a contação de histórias.

Por isso, percebo a necessidade de abordar o tema da oralidade e a sua importância antes mesmo da invenção da escrita e do livro. Pois, como afirma Ong (1998, p.16): —a expressão oral pode existir – e na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade!.

Bortolin (2010, p.15) observa que a temática da oralidade tem sido pouco pesquisada porque, segundo ela, existe um —conflito quando se trata de estudos voltados a textos orais ou escritos!, e completa dizendo que os textos escritos são mais valorizados do que os orais e, sendo assim: —a oralidade, pelo menos na Biblioteconomia, envolve um número reduzido de pesquisadores!. É possível que resida aí a dificuldade de compreensão do que vem a ser a Biblioterapia, tanto para

os bibliotecários como para outros profissionais, potenciais aplicadores desse tipo de terapia ou cuidado.

Bortolin (2010, p.37) afirma que existem especificidades entre o texto escrito e o oral, pois enquanto a escrita —congela um texto a oralidade —dispersa; além disso, —a oralidade não exige comprovação da autoria, a escrita sim.

Para falar de oralidade é preciso voltar no tempo, pois, desenvolvida a faculdade da fala, os seres humanos sentiram a necessidade de repassar para os seus semelhantes o conhecimento sobre a natureza e a vida. Daí surgem as histórias, em especial os mitos que nas civilizações antigas, como a grega e a romana, desempenharam um papel relevante influenciando os seres humanos ao longo dos séculos. Segundo Brandão (1986, p.13), o mito —se apresenta como um sistema, que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem.

As histórias transmitidas oralmente também tiveram e ainda hoje tem papel importante em algumas comunidades, a exemplo das indígenas, como aponta Gomes (2005, p.24-25):

O chefe da tribo, o pajé ou o xamã, via de regra, possuía qualidades que o distinguiam dos demais membros do clã, quer pela idade avançada, quer pela experiência adquirida, e este, então, era o contador de histórias. Ao redor de uma fogueira, os membros da comunidade sentavam-se em círculo, geralmente ao cair da noite, para ouvir suas histórias míticas, que sentenciavam a fixação de uma ideia cultural, da observação de tabus, do passado familiar, do princípio fundamental dos seres na Terra, do surgimento da vida. Eram nesses momentos que o contador de histórias contava para sua seleta plateia de ouvintes as narrativas sagradas, que formavam acervo na memória coletiva dos povos.

Segundo o autor, essas práticas —sempre tiveram a conotação fantástica de povoar o imaginário das pessoas, de forma espontânea, natural e inconsciente e, assim, promover —a ampliação das noções de mundo, do vocabulário e da leitura (GOMES, 2005, p.25).

E foi a partir dos mitos que surgiram as lendas e os contos. Narrativas que sobreviveram no tempo graças à transmissão oral

exercida por culturas que desconheciam a escrita, ou seja, onde, segundo Ong (1998, p.16) predominava a —oralidade primária.

De acordo com Estés (2014, p.33, grifos da autora) a tradição oral de compartilhar histórias vem de —uma comunidade imensa e antiquíssima [sic] composta de santos, trovadores, bardos, *griots*, *cantadoras*, chantres, menestrelis, vagabundos, megeras e loucos, e ainda, —contar ou ouvir histórias deriva sua energia de uma altíssima coluna de seres humanos interligados através do tempo e do espaço, sofisticadamente trajados com farrapos, mantos ou com a nudez da sua época, e completa: —se existe uma única fonte das histórias e um espírito das histórias, ela está nessa longa corrente de seres humanos.

Assim como Ouaknin (1996), que fala da intuição terapêutica das narrativas de histórias como não sendo nenhuma novidade, Estés (2014, p.516) também afirma que: —no seu sentido mais antigo as histórias são uma arte medicinal. No caso da autora, ela própria contadora de histórias, a tradição lhe foi passada oralmente por meio das mulheres de sua família e ao longo de suas viagens. As contadoras mais antigas, conta Estés (2014, p. 33), com a sabedoria que o tempo e a experiência lhes conferiram, afirmavam: —uma história é um medicamento que fortifica e recupera o indivíduo e a comunidade.

E foi graças às vozes de uma imensa legião de seres humanos que as histórias puderam transpor séculos e ganhar novas formas de transmissão dos manuscritos aos e-books. No entanto, não quero dizer que com essas novidades deixaram de existir as tais culturas de oralidade primária e a narrativa de histórias. Para Bortolin (2010, p.42) é: —desnecessário insistir na oposição oralidade-escritura, devendo-se passar a pensar numa complementaridade.

Diante disso, é possível prosseguir falando sobre a terapia por meio das histórias sem reduzir o conceito de Biblioterapia ao que a palavra sugere. E, portanto, escolho utilizar o conceito de Caldin (2010) que define Biblioterapia como a terapia por meio das histórias, sejam elas, lidas, narradas ou dramatizadas.

Por mais que a prática biblioterapêutica seja antiga, foi somente no ano de 1916, um século atrás, que a palavra Biblioterapia foi utilizada pela primeira vez. O primeiro registro do termo é atribuído ao americano Samuel Mcchord Crothers, em seu artigo intitulado *Literary Clinic* publicado no periódico *Atlantic Montly* (MONROE; RUBIN, 1974).

Mas não se trata aqui de nenhum acadêmico. Crothers foi um clérigo dos EUA que ao longo de seus 70 anos escreveu diversas obras literárias e religiosas. Na obra citada, além de utilizar de forma pioneira

a expressão que foi amplamente reproduzida mais tarde, Crothers relata uma experiência de biblioterapia realizada por um amigo padre e oferece subsídios sobre a utilização terapêutica das histórias.

No artigo, Crothers conta que foi visitar um amigo padre que há muito não via. Mas, ao chegar percebeu que a sacristia havia se transformado num consultório, onde o amigo administrava doses de literatura para as pessoas que o procuravam com alguma queixa. Ao questionar o amigo sobre a novidade, este explica:

Durante o último ano eu tenho trabalhado num sistema de biblio-terapêuticos. Não presto muita atenção às classificações puramente literárias ou históricas. Não me importa se um livro é antigo ou moderno, se é inglês ou alemão, se é em prosa ou verso, se é uma história ou uma coleção de ensaios, seja romântico ou realista. Eu só pergunto: Qual é o seu valor terapêutico? Um livro pode ser um estimulante ou um sedativo ou um irritante ou um sonífero. O importante é que ele deve fazer algo para você, e você deve saber o que é (CROTHERS, 1916, p.292, tradução minha).

O curioso no texto de Crothers é que a fala é sempre do amigo, chamado de Dr. Bagster. O autor se coloca na primeira pessoa em poucos momentos, apenas para fazer alguma indagação ao colega.

Confesso que não dá para afirmar se o que ele descreve de fato ocorreu ou trata-se apenas de mais uma criação literária do religioso escritor americano para falar da Biblioterapia. Não sei se isso faz alguma diferença. Mas me colocando na posição de leitora interagente, que conversa com o autor e o texto, essa é uma questão para a qual Crothers não me respondeu. O que importa, no entanto, é o registro histórico do termo presente no texto. Além disso, no meu ponto de vista, Crothers contribuiu para o tema ao abordar no seu artigo o fazer desse método baseado no valor terapêutico da literatura, pois ele trata as histórias como verdadeiros medicamentos, como nos exemplos a seguir:

Os ensaios de Emerson¹ formam uma emulsão. As sentenças são pequenos glóbulos de sabedoria que não se fundem, mas permanecem suspensos um no outro. Eles devem ser agitados antes de usar.

Os ensaios de Chesterton² contêm bastante senso comum, mas sempre sob a forma de uma mistura efervescente. Ao misturar o que pensamos com o que pensamos que pensamos, esta efervescência invariavelmente dará resultado (CROTHERS, 1916, p.293, tradução minha).

No seu artigo, Crothers (1916, p.295) afirma que "a biblioterapia é uma ciência tão nova que não é de admirar que haja muitas opiniões errôneas quanto ao efeito real que um livro em particular pode ter. De fato, passados cem anos essa afirmação ainda pode ser considerada bem atual e abre uma brecha para um debate bem presente. Afinal, seria a Biblioterapia uma ciência? Com base nos autores que fundamentam o meu trabalho a Biblioterapia é considerada arte e não ciência, problemática que abordarei mais adiante.

Retomando parte da trajetória histórica da Biblioterapia, cito um dos mais importantes trabalhos desenvolvidos sobre a temática, mais uma contribuição dos EUA. Em 1949, Caroline Shrodes publicou um trabalho pioneiro sobre a Biblioterapia, a sua tese de doutorado em Filosofia na Educação intitulada *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*. O trabalho foi defendido na Universidade da Califórnia e se tornou uma referência sobre a temática, pois explora tanto questões teóricas quanto práticas da Biblioterapia.

Shrodes (1949, p.32, tradução minha) define Biblioterapia como —um processo de interação dinâmica entre a personalidade do leitor e a literatura, de caráter psicológico e que contribui para o desenvolvimento do ser humano. Em seus estudos, a americana enfatiza a utilização da chamada *imaginative literatura*, que inclui todo tipo de ficção, drama, poesia e biografias em que o escritor apresenta o comportamento humano de maneira direta e dramática, em contrapartida a outro tipo de literatura onde esse aspecto é apresentado de forma didática.

¹ Crothers faz referência a Ralph Waldo Emerson que foi um famoso escritor, poeta e filósofo estadunidense.

² Crothers faz referência ao famoso escritor inglês Gilbert Keith Chesterton.

Nesse sentido, Shrodes (1949, p.33, tradução minha) prioriza o valor da experiência estética ao afirmar que a literatura imaginativa —está mais apta a proporcionar ao leitor uma experiência emocional sem a qual uma terapia eficaz é impossívell. Na sua tese a autora aponta alguns elementos relevantes em Biblioterapia, como a catarse, a identificação e a introspecção.

Como visto nos conceitos apresentados por Crothers e Shrodes, quase sempre quando se fala em Biblioterapia é dado um destaque especial às obras literárias. Sendo assim e para ampliar a noção de literatura presente neste trabalho trago um conceito elaborado por Candido (2011, p.176) para quem a literatura —é a manifestação universal de todos os homens em todos os temposl.

Segundo Candido (2011, p.176) —não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulaçãol, e ele sentencia: —assim como todos os homens sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuladol.

Dito isso, o autor defende o direito à literatura para todas as pessoas. Pois se ninguém —pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeital (CANDIDO, 2011, p.177).

Petit (2013, p.23) compartilha do mesmo ponto de vista ao afirmar que:

Cada um de nós tem direitos culturais: o direito ao saber, mas também o direito ao imaginário, o direito de se apropriar dos bens culturais que contribuem, em todas as idades da vida, à construção ou à descoberta de si mesmo, à abertura para o outro, ao exercício da fantasia, sem a qual não há pensamento, à elaboração do espírito crítico. Cada homem e cada mulher têm direito de pertencer a uma sociedade, a um mundo, através daquilo que produziram aqueles que o compõem: textos, imagens, nos quais escritores e artistas tentam transcrever o mais profundo da experiência humana.

E é exatamente a efabulação, a imaginação, a fantasia, proporcionadas pelo texto literário, seja através da leitura, narração ou dramatização, que lhe confere um caráter terapêutico. Esse tipo de terapia proporciona equilíbrio ao ser humano, pois como entende Caldin (2010, p.31), terapia não é —uma cura, no sentido restritivo da palavra, mas no sentido alargado de busca do equilíbrio e da harmonia do ser totall.

Sendo assim, a Biblioterapia é uma prática capaz de beneficiar todas as pessoas, de qualquer faixa etária estejam elas em plena saúde ou enfermas (BORECKA, 2001; CALDIN, 2010). A terapia, ou seja, o cuidado ocorre por meio das histórias, da literatura, conferindo equilíbrio para o ser humano e, portanto, um estado de saúde, mesmo que temporário.

Candido (2011, p.177) vai além ao afirmar que a literatura humaniza o próprio homem, em suas palavras: —é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. Mas, o que o autor entende por humanização? Segundo ele, humanização vem a ser:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humorl (CANDIDO, 2011, p. 182).

Para Candido (2011, p.182), a literatura —desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. Nesse sentido, levando em conta o conceito de literatura utilizado pelo autor, posso fazer um paralelo com a Biblioterapia e afirmar que esta não só cuida, mas também e, sobretudo, humaniza o próprio ser humano na medida em que possibilita através das histórias lidas, narradas ou dramatizadas, o desenvolvimento de todas essas potencialidades citadas.

Vale citar que alguns autores levam em consideração não só os textos literários, mas também textos religiosos e de autoajuda como sendo altamente terapêuticos. Segundo Maltez (2011, p.17), o livro religioso —funcionou como um apoio e conforto: em parte imposto pelo poder religioso, foi utilizado pelos cristãos para encontrar a paz em

tempos tão difíceis pautados por invasões, miséria, instabilidade e medos.

Destaco que na literatura brasileira sobre Biblioterapia não há referências sobre a literatura bíblica ou religiosa. No entanto, na Polônia há autores da área da Biblioterapia que se dedicam a essa temática, a exemplo de Wiktor Czernianin.

Segundo Czernianin (2013) ao longo dos tempos os livros religiosos foram comumente utilizados e altamente recomendados para curar problemas da alma. Esse fato, afirma o autor, é amplamente conhecido no campo da Biblioterapia e foi explorado por muito pioneiros da área. Além dos livros religiosos como a Bíblia, Czernianin (2013) destaca também o papel das poesias religiosas, as quais teriam uma função catártica muito presente, bem como as orações. Essa é uma temática muito interessante e que, particularmente, me atrai. E, por ainda não haver referência sobre o tema no Brasil, acredito que está aí mais um campo fértil para ser explorado em se tratando de Biblioterapia.

Cito também o filósofo e rabino francês Marc-Alain Ouaknin, autor de uma obra que é referência nos estudos de Biblioterapia. O autor desenvolve seu conceito de Biblioterapia fazendo diversas retomadas aos textos talmúdicos, que são comentários e interpretações sobre a Bíblia. Afirma que —o ser humano é um ser de caminho (OUAKNIN, 1996, p.99), ou seja, está em constante transformação. Sendo assim, com base na literatura religiosa judaica o autor reforça: —tudo no Talmude concorre para um *ler que destrói*, para destruir a imanência das palavras e de existências definitivas, a fim de dar-lhes simplesmente a força de continuarem a se inventar (OUAKNIN, 1996, p.145, grifo do autor).

A seguir, apresento um pouco do contexto brasileiro e polonês, onde a Biblioterapia emergiu e vem tomando forma. Trago também alguns elementos culturais e históricos que podem ajudar na compreensão desse florescimento e desenvolvimento.

2.2 Biblioterapia em contexto: aspectos culturais e históricos do Brasil e da Polônia

Mesmo sendo prática antiga, a utilização da potência terapêutica das histórias ainda é uma temática recente e pouco explorada na literatura científica do Brasil. De acordo com o levantamento feito por Silva (2005), data de 1959 o primeiro trabalho acadêmico sobre o

tema de autoria do psicólogo Emilio Mira y Lopes. Silva (2005) identificou a informação baseado no currículo lattes do autor, no entanto afirma que a publicação não foi localizada.

Com base nas pesquisas feitas pelo autor, o segundo artigo mais antigo é de Angela Maria Lima Ratton, publicado em 1975, na qual ela descreve uma breve trajetória histórica do tema dando destaque à produção bibliográfica norte-americana; aponta 14 benefícios da leitura terapêutica e as motivações do leitor e faz referência da prática em diferentes áreas como a Educação, Medicina e Psicologia.

Ainda segundo Silva (2005), no ano de 1982 foram publicados dois novos artigos sobre Biblioterapia. A partir de então, a produção nacional começou a caminhar timidamente, mas com contribuições significativas, oriundas especialmente da área de Biblioteconomia. O levantamento feito por Silva (2005), dos artigos publicados entre 1950 e 2000, aponta que 70% dos autores são bibliotecários; em segundo lugar estão os psicólogos.

Destaco que grande parte dessa produção está voltada para a apresentação de relatos de práticas, todas muito pontuais, realizadas em instituições por voluntários, profissionais e estudantes. Essa característica do voluntariado é muito forte na aplicação da Biblioterapia no Brasil e foi um dos pontos abordados por Guedes (2013) na pesquisa sobre a Biblioterapia na realidade do bibliotecário brasileiro.

De acordo com as respostas das sete bibliotecárias que participaram da pesquisa de Guedes (2013, p.108) a maioria atua como voluntária nas atividades que envolvem a prática da Biblioterapia, mas a autora destaca que: —apesar disso, algumas aplicações são relacionadas à ocupação profissional delas. A autora destaca ainda que todas as entrevistadas possuíam vínculo empregatício com alguma instituição de ensino.

Diante disso, percebo uma forte tendência de se relacionar a Biblioterapia com o universo acadêmico. Nesse contexto, uma iniciativa pioneira que vem contribuindo para ampliar a difusão da Biblioterapia no Brasil e a realização de muitos projetos na área é a disciplina de Biblioterapia ofertada no curso de graduação de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela professora Clarice Fortkamp Caldin. Desde 2003, a Biblioterapia faz parte da matriz curricular como disciplina optativa, sendo ofertada anualmente com uma carga horária de 36 horas/aula. Antes, porém, a docente havia ofertado curso na área para os estudantes, o que despertou o interesse deles e motivou a oferta da disciplina (CALDIN, 2005).

Iniciativas semelhantes vêm ocorrendo em outros estados, a exemplo da Paraíba, onde a professora Edna Gomes Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), eventualmente trabalha com a temática da leitura terapêutica na disciplina de Tópicos Especiais. No entanto, a disciplina não faz parte do projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia dessa universidade e foi ofertada pela última vez em 2015. Mas mesmo sem manter a Biblioterapia como temática de sala de aula, a professora coordena projetos nessa área, a exemplo do projeto de extensão *Biblioterapia para velhos jovens/idosos: envelhecer é viver e nada mais* desenvolvido no abrigo da Associação Metropolitana de Erradicação – AMEM, em João Pessoa. O projeto foi realizado de maio a dezembro de 2016 e envolveu professores e alunos do curso de Biblioteconomia da UFPB ³.

Trajetória semelhante aconteceu na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), tendo à frente a professora Marília Amaral. No primeiro semestre de 2016 ela trabalhou a temática da Biblioterapia numa disciplina optativa intitulada *Tópicos especiais em temas contemporâneos – Biblioterapia*. Da mesma forma que ocorre na UFPB, o programa do curso de Biblioteconomia não contempla o assunto numa disciplina específica. Sendo assim, os professores criam meios de oferecer aos alunos a oportunidade de entrar em contato com a teoria e a prática da leitura terapêutica ⁴.

Devido ao grande interesse dos estudantes e a fim de dar continuidade ao aprendizado iniciado na disciplina, no segundo semestre de 2016, a professora Marília da Unirio desenvolveu um projeto de extensão intitulado *Biblioterapia em Rede*. O objetivo do projeto foi criar um espaço virtual onde pudesse agregar e disponibilizar conhecimento teórico e prático de profissionais que trabalham com Biblioterapia. Essa primeira etapa do projeto foi finalizada em dezembro de 2016. Para 2017, a professora pretende dar prosseguimento às atividades do blog, realizar rodas de Biblioterapia e iniciar um grupo de estudos sobre o tema, caso ocorra a renovação do projeto junto à universidade ⁵.

³ Informação obtida em contato feito com a professora Edna Gomes Pinheiro por e-mail.

⁴ Informação obtida em contato feito com a professora Marília Amaral por e-mail.

⁵ Informação obtida em contato feito com a professora Marília Amaral por e-mail.

Diante desses exemplos, faço minhas as palavras de Guedes (2013, p.70) que a partir das pesquisas realizadas sobre a Biblioterapia na realidade bibliotecária do Brasil, conclui:

A biblioterapia é um campo recente no Brasil, entende-se que esta não alcançou sua maturidade científica, como um campo da ciência, porém os estudos realizados mostram a intenção de cientistas e profissionais de diversas áreas em encontrar sua metodologia e firmá-la como uma área do conhecimento e como uma atividade bem-feitora [sic] à sociedade.

Esse esforço que envolve profissionais de diversas áreas e que pretende fortalecer o campo no Brasil pôde ser percebido com a realização, em novembro de 2016, do evento *Biblioterapia: que história é essa? - I Encontro de partilha da potência terapêutica da literatura*, que ocorreu no Rio de Janeiro. A grande mobilizadora desse evento foi a psicóloga Cristiana Seixas. Ela utiliza a Biblioterapia em diversos contextos: no atendimento a seus pacientes em consultório, facilitando encontros denominados por ela de Círculos de Biblioterapia e ministrando cursos na área. Com o objetivo de reunir as experiências vividas a partir do cuidado através da literatura, lançou, em 2014, o livro *Vivência em Biblioterapia*⁶. O encontro, uma iniciativa pioneira, foi pensado por Cristiana e construído de forma colaborativa a partir do esforço e dedicação de diversos voluntários.

Sediado no auditório da Unirio, o evento contou com a participação de, aproximadamente, cem pessoas entre profissionais e estudantes de diversas áreas, dentre elas: Psicologia, Biblioteconomia e Educação. Participaram também contadores de histórias, artistas, escritores e pessoas interessadas em conhecer e compartilhar o potencial terapêutico da literatura.

Nas palavras da própria Seixas em depoimento na sua página pessoal do Facebook, o evento foi recheado de —fecundas partilhas: testemunhos da potência terapêutica da literatura em contextos variados, a fala emocionada e emocionante de escritores de livros altamente saudáveis e, também, —percursos acadêmicos inspiradores abrindo veredas de ampliação do campo de pesquisa e ação. Como testemunha

⁶SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói: Edição do autor, 2014.

deses momentos, posso destacar que a realização desse primeiro encontro foi de grande contribuição para ampliar as trocas sobre a potência terapêutica da literatura e fortalecer a pequena, mas entusiasmada rede em torno da Biblioterapia no Brasil.

Durante o evento, foi possível perceber uma das características mais marcantes da Biblioterapia: a interdisciplinaridade. A potência terapêutica das histórias está presente no fazer de diversos profissionais de áreas distintas. Witter (2004, p.196) afirma que esse aspecto —não é apenas uma solução, mas, sim: —uma recomendação no contexto da Biblioterapia.

Sendo assim, a utilização da Biblioterapia em diferentes contextos amplia os horizontes daqueles que vislumbram trabalhar com o potencial terapêutico da literatura. Cada pesquisa, publicação e projeto vindos de áreas distintas agregam valor e conhecimento em prol do desenvolvimento desse campo tão vasto a ser explorado.

Em relação à interdisciplinaridade no contexto da Biblioterapia, trago um exemplo da Polônia, onde o estudo e a prática estão bem desenvolvidos e fortemente vinculados às áreas de Literatura, Artes, Psicologia, Educação e Biblioteconomia.

Karwowski (2013) aponta que o primeiro curso para formação de especialistas em Biblioterapia na Polônia surgiu na década de 1980 no Centro de Estudos Culturais e Bibliotecários de Wroclaw, que ainda hoje forma pessoas interessadas em atuar na área. Em seguida, a Universidade de Torun abriu a primeira especialização em nível de pós-graduação na área, no final da década de 1990. E, ao longo dos anos, diversas instituições de ensino têm introduzido disciplinas com a temática da Biblioterapia, em especial nos cursos de Ciência da Informação e Biblioteconomia, mas também no ensino de Pedagogia e Literatura Polonesa.

O autor cita que, atualmente, as universidades de Wroclaw e Turon são referências no ensino de Biblioterapia no nível de pós-graduação. Karwowski (2013) chama a atenção para o fato de que na Universidade de Wroclaw os estudos de Biblioterapia são conduzidos pelo Instituto de Psicologia e não pelo Instituto de Ciência da Informação e Biblioteconomia, como no caso de Turon.

Vale destacar que apesar de estar situado no Instituto de Psicologia, vinculado ao Departamento de História e Educação da Universidade de Wroclaw, o curso de pós-graduação em Biblioterapia da Universidade de Wroclaw é oferecido a profissionais com formações diversas: psicólogos, professores, bibliotecários, pedagogos, assistentes sociais e padres. Além do curso de especialização, o Instituto mantém

um periódico científico de publicação semestral dedicado especialmente à publicação de trabalhos de pesquisa de professores e estudantes do curso, o *Bibliotherapy Review* (UNIVERSITY OF WROCLAW, 2016).

As pesquisas de Karwowski (2013) sobre o ensino da Biblioterapia na Polônia mostraram que além dos cursos ligados às universidades do país, algumas instituições polonesas – como bibliotecas, escolas de artes e associações de bibliotecários – também oferecem treinamento, cursos de curta duração e workshops para os interessados em conhecer e colocar em prática o potencial terapêutico da literatura.

Vale destacar ainda a contribuição da Sociedade Polonesa de Biblioterapia, organização criada em 1996 por ex-alunos do curso de especialização do Centro de Estudos Culturais e Bibliotecários de Wrocław. De acordo com o histórico apresentado no site da instituição, a sociedade foi pensada com o objetivo de ser uma referência para as pessoas interessadas em Biblioterapia. De lá para cá, com mais de 20 anos de atuação, a organização tem atuado fortemente para a disseminação dessa prática no país, tendo, inclusive, uma publicação especializada sobre o tema, intitulada *Biblioterapeuta*.

Foi a partir dos trabalhos desenvolvidos à frente da Sociedade Polonesa de Biblioterapia como presidente da instituição, que o nome de Irena Borecka ganhou notoriedade como a autora que mais escreveu sobre a temática na Polônia. O nome dela é citado em praticamente todos os trabalhos sobre Biblioterapia em polonês. Além de vários artigos, Borecka publicou cinco livros sobre Biblioterapia aplicada a diversos contextos, em especial no contexto da Biblioteca e da sala de aula.

Borecka foi uma personalidade marcante na área de Biblioterapia na Polônia. Ela tinha formação em Biblioteconomia, pós-graduação em Psicologia e doutorado em Ciências. Nutria interesse nas temáticas de literatura voltada para crianças e jovens e Biblioterapia. Dedicou especial atenção a essa área e publicou diversos trabalhos, entre livros e artigos, além de desenvolver programas de treinamento de Biblioterapia para bibliotecários e professores. Entre os anos de 2002 e 2008 esteve à frente da Sociedade Polonesa de Biblioterapia, instituição que ajudou a fundar, e foi muito atuante no sentido de difundir a prática em seu país. A professora Borecka faleceu em 2008 deixando um grande legado e tornando-se uma autoridade na Polônia sobre a temática de Biblioterapia (PORADNIK BIBLIOTEKARZA, 2008).

Ao lado de Borecka, estão também outros autores que se dedicaram ou ainda estão envolvidos com a pesquisa e a prática da

Biblioterapia na Polônia. Segundo Prokopowicz (2014) a literatura polonesa da área é muito rica e, além de Borecka, cita: Wit Szulc, Ewa Tomasiak, Maria Molicka, Lidia Ippoldt, Wiktor Czernianin e Bronislaw Woźniczka-Paruzel. Com base na formação de tais autores, Prokopowicz (2014) reforça o caráter interdisciplinar da Biblioterapia em seu país, ao afirmar que eles são provenientes de áreas bem diversas.

Czernianin (2008) destaca que quatro disciplinas estão intrinsecamente ligadas aos estudos de Biblioterapia na Polônia, são elas: a Literatura, Biblioteconomia, Psicologia e Educação. O autor afirma que o conhecimento proveniente dessas quatro áreas é a base científica dos estudos da Biblioterapia em seu país.

Conhecer de que forma a Biblioterapia vem sendo trabalhada em diferentes contextos é importante para expandir os horizontes dessa área no Brasil. Mas, não posso deixar de considerar o contexto em que ela vem se desenvolvendo, por isso, dedico alguns parágrafos para falar dos aspectos culturais e históricos dos dois países que são foco desta pesquisa, informações que podem ser úteis para tecer as distâncias e aproximações propostas neste trabalho.

Falar do Brasil e da Polônia é se aventurar por dois universos bem distintos, tanto cultural quanto historicamente. Há algumas distâncias entre esses dois países que vale ressaltar. Começo destacando que o que separa o Brasil da Polônia não é apenas a distância geográfica, mas também alguns séculos de história.

A história da nação brasileira começou a ser contada oficialmente por volta de 1500, quando deu início a exploração da nova colônia por Portugal e daqueles que já se encontravam nesse imenso território, os índios, e mais tarde dos africanos. Três séculos depois, a família real se muda para o Brasil e dá início ao processo de independência e às mudanças políticas, sociais e culturais que culminaram no Brasil que vivenciamos atualmente. Esse últimos fatos ocorreram num intervalo de menos de 200 anos.

Diante desse breve resumo da história do Brasil, é possível perceber que ela está alicerçada num passado muito recente, se comparado com a Polônia, que desde o século X já era considerada um território importante na Europa. Enquanto os índios ainda viviam em paz numa terra distante, que mais tarde seria conhecida como Brasil, o território dos poloneses já era alvo de disputas e conflitos constantes ao longo da Idade Média que se estenderiam por séculos culminando com fatos que marcaram o país com lágrimas e sangue.

Em um dado momento dessa história, a partir do final do século XIX, os poloneses descobrem o Brasil. Promessas de dias melhores

numa terra desconhecida fizeram com que muitos poloneses imigrassem para cá à procura de paz e de trabalho. Como afirma Mazurek (2010, p. 76) eles vieram —buscar um céu mais sereno e um destino melhor que aquele que lhes oferecia o jugo dos invasores. De acordo com o autor, até 1914 mais de 100 mil poloneses já haviam deixado seu país rumo ao Brasil, dentre eles agricultores, artistas, militares, engenheiros, médicos, dentre outros (MAZURECK, 2010).

Na primeira metade do século XX, os poloneses estiveram presentes nos episódios mais tristes da história da humanidade, não como protagonistas, mas sim com vítimas: as duas guerras mundiais, que dividiu o país, exterminou e expulsou milhares de habitantes da sua terra natal. Segundo Ripley (2014, p. 198): —é difícil de descrever de maneira sucinta a desordem que assolou a Polônia no espaço de meio século.

Nesse período, mais poloneses embarcaram com destino ao Brasil. Segundo Malczewski (2016), “o contingente exato da colônia polonesa no país é desconhecido, pois não existem a esse respeito dados estatísticos exatos, ele afirma que —alguns autores estimam o grupo étnico polonês em 800 mil, outros em 1% da população do país.

Mesmo com o fim da Segunda Guerra, que deixou heranças dolorosas como as redes de campos de concentração e de extermínio (a exemplo de Auschwitz), o país ainda sofreu até o final da década de oitenta com o domínio soviético. Logo após a queda do comunismo, foram implantadas várias reformas para abolir os atrasos deixados pelo governo soviético e em 2010, a Polônia passou a integrar a União Europeia, um passo importante para adentrar o mundo dos países desenvolvidos economicamente (RIPLEY, 2014).

Tais mudanças têm colocado a Polônia em destaque, especialmente no quesito educação. Dados do *Programme for International Student Assessment* (PISA), ranking da educação realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), revelam que de 2000 a 2006 a nota média em leitura dos estudantes poloneses subiu 29 pontos.

Segundo Ripley (2014, p. 199), —em menos de uma década, os alunos tinham saltado de um desempenho abaixo da média do mundo desenvolvido para uma nota acima da média, isso ocorreu —a despeito dos índices de criminalidade, pobreza e mil outras sólidas razões para fracassar.

No ranking mais recente do Pisa, divulgado em 2015, a Polônia continua à frente de países como EUA, Noruega, França e Suécia, ocupando a 22ª posição. Enquanto a Polônia avança, o Brasil continua

com desempenho abaixo da média nos quesitos pesquisados - ciências, matemática e leitura. E, ao contrário do que vem acontecendo com os estudantes poloneses, a nota dos brasileiros tem caído ao longo dos últimos anos colocando o Brasil na 63ª posição entre os 72 países pesquisados (OCDE, 2016).

Interessante observar também os dados de outra pesquisa realizada pela OCDE, o *Better Life Index*, também chamado de Índice Para uma Vida Melhor. Na pesquisa são destacados 11 aspectos de cada país, que refletem aquilo que a OCDE identificou como sendo essencial ao bem-estar, são eles: moradia, renda, trabalho, comunidade, educação, meio ambiente, governança, saúde, satisfação de vida, segurança e equilíbrio vida-trabalho.

Escolhi falar de apenas dois – segurança e satisfação de vida – para comparar alguns aspectos da sociedade brasileira e polonesa. No quesito segurança, na Polônia, 66% das pessoas dizem que se sentem seguras andando sozinhas à noite, no Brasil esse percentual é de cerca de 40%. Em relação à taxa de homicídios (o número de assassinatos por 100.000 habitantes), o número obtido no Brasil é um dos mais altos entre os países pesquisados: 26,7 – mais de seis vezes a média da OCDE de 4,1. Enquanto na Polônia essa taxa é de 1,0 (OCDE, 2016).

No entanto, apesar do alto índice de insegurança no Brasil, no que se refere à satisfação pessoal, que seria o quanto a pessoa se considera feliz, o país obteve uma pontuação maior do que na Polônia. Ao introduzir os dados desse quesito, a OCDE (2016), explica que: —mensurar sentimentos pode ser muito subjetivo, mas constitui um complemento útil a dados mais objetivos para comparar a qualidade de vida de paísesl.

Numa escala de 0 a 10 para o índice de felicidade, os brasileiros atribuíram uma nota 6,5. Já os poloneses classificaram seu índice de satisfação pessoal com a vida em 6,0. Os países com índices de felicidade mais elevados são a Noruega e a Suíça com uma taxa de 7,6 (OCDE, 2016).

Todos esses dados são muito relativos, mas provocam pensamentos e reflexões sobre a realidade em diferentes contextos e possibilitam uma visão geral sobre a sociedade desses países tão distintos em tantos aspectos.

Culturalmente essas distinções se acentuam um pouco mais. O povo brasileiro resultou de uma grande miscigenação entre o índio, o negro e o branco (sejam os portugueses ou imigrantes). Na Polônia, os eslavos de pele branca e olhos claros são predominantes. No entanto, gostaria de citar um aspecto que une esses dois povos: a religiosidade.

O Brasil e a Polônia são dois países católicos. Há registros, inclusive, de padres poloneses que desembarcaram no período colonial no Brasil, a exemplo do missionário Adalberto Męciński, que aparece em documentos portugueses como Albertus de Polônia e teria desembarcado em terras brasileiras em 1631 (MALCZEWSKI, 2016).

Um dos papas mais influentes da igreja católica foi o polonês Karol Józef Wojtyła, mais conhecido como papa João Paulo II, que teve uma forte atuação política dentro do seu país para por fim ao regime comunista. Muito querido pelos brasileiros e venerado pelos compatriotas que viviam no Brasil, nas três visitas feitas ao país (em 1980, 1984 e 1995) o papa João Paulo II fez questão de ir à cidade de Curitiba encontrar com a grande comunidade polonesa residente no estado do Paraná (MALCZEWSKI, 2016).

Esses são apenas alguns aspectos desses dois países foco desta pesquisa. Eu poderia me estender com muitos mais dados ou fatos que aproximam ou distanciam o Brasil da Polônia, mas vou ficando por aqui. A seguir, dedico algumas páginas para discorrer sobre a hermenêutica, fundamentação filosófica que permeará todo este trabalho, e fazer uma relação do pensamento de filósofos dessa corrente com a Biblioterapia.

2.3 Hermenêutica

Hermenêutica é uma palavra greco-erudita empregada para expressar a arte da compreensão ou interpretação (GADAMER, 2011). A origem do termo está vinculada ao nome do deus grego Hermes. Segundo Palmer (2006, p.23) os gregos —atribuíam a Hermes a descoberta da linguagem e da escrita — as ferramentas que a compreensão humana utiliza para chegar ao significado das coisas e para transmiti-lo aos outros!.

Filho de Zeus e Maia, Hermes ficou conhecido como o mensageiro dos deuses por conta da sua habilidade em transmitir as vontades dos deuses do Olimpo. Ele aparece em diversos episódios da mitologia grega sempre intermediando alguma situação. Como nas passagens a seguir: —Tieste seria fatalmente o vencedor, não fora a intervenção de Zeus, que, por meio de Hermes, aconselhou a Atreú, ou ainda, —Não se atrevendo nenhum dos deuses a assumir a responsabilidade da escolha, Zeus encarregou Hermes de conduzir as três imortais ao Monte Idal, e mais —A pedido de Atená, Zeus envia

Hermes à ilha de Ogígia com ordem a Calipso para deixar partir o herói (BRANDÃO, 1986, p.85, 107, 129).

Como visto nos exemplos, Zeus fala por intermédio de Hermes. Era através dele que o senhor do Olímpio se fazia compreender. Ele era o interlocutor, o tradutor, o interprete. Daí o fato de que palavras como hermenêutica e hermenêutico derivarem da raiz do nome do mensageiro dos deuses, pois sugerem —o processo de trazer uma situação ou uma coisa, da inteligibilidade à compreensão, ou seja: —de *tornar compreensível*, especialmente enquanto tal processo envolve a linguagem (PALMER, 2006, p. 23, 24, grifo do autor).

A hermenêutica, enquanto ramo da filosofia, possui diversos representantes. Para Mora (2005), inclusive, é difícil identificar quem são os filósofos hermenêuticos. No entanto, não há dúvidas em relação ao nome de Hans-Georg Gadamer como principal representante dessa linha de pensamento. Nas subseções seguintes apresento alguns conceitos abordados em suas obras e as relações possíveis entre tais conceitos e a ideia de Biblioterapia aqui apresentada.

2.3.1 Hermenêutica de Gadamer

Gadamer nasceu em 1900, em Marburgo, na Alemanha. Ainda pequeno, sua família foi morar na região da Breslândia, atual Wrocław na Polônia, onde seu pai exerceu o cargo de reitor da universidade. Ele viveu algum tempo nessa região até retornar para sua cidade natal na adolescência e ingressar na vida acadêmica. O filósofo teve uma vida longa e bastante produtiva. Poucas semanas antes de falecer, em 13 de março de 2002, aos 102 anos de idade, foi publicada sua última obra (GUERVÓS, 2011).

Para alguns admiradores de Gadamer, a essa idade parecia mesmo que ele havia —alcançado o olimpo da imortalidade [...] Não acredito que nenhum pensador haja desfrutado da perspectiva que Gadamer desfrutou, ou seja, de poder contemplar nossa realidade histórica de tão alto e durante tanto tempo (GUERVÓS, 2011, tradução minha).

Sua grande obra *Verdade e Método* foi publicada em 1960, depois de muitos anos de trabalho intenso para colocar no papel e immortalizar os fundamentos da sua hermenêutica filosófica. Para muitos, *Verdade e Método* é classificada como a obra mais importante da filosofia ocidental do século XX, depois de *O Ser e o Tempo* de Heidegger, de quem Gadamer foi discípulo (GUERVÓS, 2011).

Segundo o filósofo alemão, o propósito da sua hermenêutica filosófica é o de —procurar por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da metodologia científica, e indagar de sua própria legitimação, onde quer que a encontrel (GADAMER, 1997, p.32).

Para ele a experiência da filosofia bem como a experiência da arte são modos de manifestação de uma verdade que não pode ser verificada com os meios da ciência positivista. A partir desse pensamento ele criou a expressão *ciências do espírito* onde inclui as ciências humanas e sociais, pois elas apresentam uma forma diferente de investigação, que —aproxima-se especialmente do âmbito das artesl (GADAMER, 1997, p.15).

De acordo com Guervós (2011, tradução minha) para Gadamer a arte seria um modelo paradigmático para compreender o sentido da experiência hermenêutica: —E este tem sido, provavelmente, um dos desafios mais atraentes de sua obra, reivindicar outros métodos de verdade e certeza.

Nesse ponto, abro um parêntese para observar que da mesma forma atua a Biblioterapia, já que se encontra dentro dos limites do que Gadamer define como *ciências do espírito*. Para alguns autores, por exemplo, Caldin (2010) é muito clara essa relação do fazer biblioterapêutico com as artes.

A autora defende que a Biblioterapia de Desenvolvimento (não a clínica, executada por psicólogos) é um campo onde prevalece, sobretudo, a visão humana sobre o ser em contrapartida a uma visão especializada. Além disso, não obedece a regras e técnicas pré-definidas e, inclusive, permite o improviso. Sob esse ponto de vista é possível admitir que a Biblioterapia está intimamente ligada com a intuição e com aspectos sutis e subjetivos do ser humano (CALDIN, 2010), elementos que também estão presentes no campo da Hermenêutica.

No entanto, devo pontuar que essa visão é questionada por alguns autores, a exemplo de Pinto (2005, p. 40) que advoga que —somente a leitura, sem um acompanhamento terapêutico, não se traduz em biblioterapia, mesmo aquela praticada por bibliotecários. Ponto de vista que é rebatido por Hasse (2004, p. 42), ao afirmar que —como arte, a Biblioterapia é não diretiva, ou seja, é escolha do leitor retirar do texto o que ele achar relevante para suas emoções, assuntos pessoais, objetivos, sem a intervenção de um facilitador.

Diferente de Pinto (2005), Hasse (2004, p.42) entende que quando a Biblioterapia está no campo médico aí sim é essencial direcioná-la por meio de um facilitador —que usa uma abordagem

psicológica. Não sendo o caso daquela praticada por bibliotecários, ou seja, a Biblioterapia de Desenvolvimento, que não está no campo da ciência positivista, e sim das chamadas ciências do espírito definida por Gadamer.

Mas, retomando a questão da verdade apresentada por Gadamer, vale explicar que o entendimento da verdade é discutível. Chauí (2010), apresenta três concepções distintas de verdade que tem origem no termo grego *alétheia*, no latim *veritas* e no hebraico *emunah*.

No primeiro caso, *aletheia*, Chauí (2010, p. 99) afirma que —a verdade é uma qualidade das próprias coisas!; ela está manifestada aos nossos olhos e é oposta ao que está escondido; em latim, a verdade não se refere às coisas, mas sim —ao relato e ao enunciado, à linguagem, seu oposto, portanto, é a mentira ou falsificação!; já em hebraico, verdade é igual à confiança, especificamente em Deus e nas pessoas - —*Emunah* é uma palavra da mesma origem que amém, que significa: assim seja!.

Para Chauí (2010, p. 99) a concepção de verdade é uma síntese dessas três palavras e, por isso: —se refere às coisas presentes (como na *aletheia*), aos fatos passados e à linguagem (como na *veritas*), e às coisas futuras (como na *emunah*).|| Esse é um conceito que permeia o pensamento filosófico e está na base da compreensão das ciências.

Além de variar de acordo com a origem linguística do termo, a ideia de verdade varia de acordo com diferentes escolas filosóficas. E a concepção de Gadamer difere das correntes que associam a verdade à racionalidade, fundada pelos iluministas.

Gadamer, ao elaborar uma concepção de verdade atrelada à ideia de finitude e de historicidade do ser humano, deu margem para que pensemos nesta não como algo fechado, mas sim como algo temporal que se faz, se constrói no devir. Tornou-se assim, um dos grandes contestadores da construção de metodologias nas Ciências Humanas que buscassem dar conta dessa tal verdade a partir de critérios oriundos da objetividade e racionalidade positivista (OLIVEIRA, 2007, p.4).

Em meio a essa discussão sobre verdade, vale destacar que a Hermenêutica lida inclusive com a compreensão do incompreensível (GADAMER, 2011). Sendo assim, onde estaria a verdade sob o ponto de vista hermenêutico?

Compreender o incompreensível, e compreender especialmente aquilo que quer ser compreendido envolve o todo da nossa capacidade de reflexão que, nas religiões, na arte dos povos e nos refletores da nossa tradição histórica, sempre coloca à disposição novas respostas e, com cada resposta, provoca novas questões. Isso é hermenêutica enquanto filosofia.

Dentro do que Gadamer (2011, p.169) classifica como incompreensível estão algumas das grandes questões da humanidade, que sempre ocuparam os filósofos; tais questões abrangem: —os segredos do começo e do fim, do ser e do nada, do nascimento e da morte e, sobretudo, do bem e do mal, questões enigmáticas, às quais parece não haver respostas do saberl.

Nesse amplo espectro de questionamentos, cabe uma infinidade de temas. Mas para se chegar próximo a uma resposta possível, a filosofia hermenêutica propõe —a superação de todo pré-entendimento que contemos do mundo| (ALEXANDRE, 2014, p. 29).

E é aí que está fundamentado o pensamento de Gadamer. Ele nos estimula a ler para além do texto. Para além daquilo que nos é dado ver (*aletheia*). É uma visão de mundo pautada na linguagem e no diálogo.

Para o filósofo —a linguagem somente tem seu verdadeiro ser na conversação, no exercício do mútuo entendimento| (GADAMER, 1997, p.450). Isso porque ninguém está só no mundo. E a linguagem é o que aproxima o indivíduo da verdade, seja através da fala ou dos textos, para melhor entender a si mesmo, os outros e o mundo à sua volta. O pensamento gadameriano sobre a linguagem e o diálogo contribui para o entendimento da Biblioterapia. Portanto, dedico alguns parágrafos à discussão desses conceitos e a relação existente com a prática da biblioterapia e o pensamento hermenêutico.

2.3.2 Hermenêutica e Biblioterapia

A linguagem é considerada para a hermenêutica de Gadamer —um acontecimento cujo sentido se trata de penetrarl (MORA, 2005, p.1331). De fato, Gadamer (2011, p.167) atribui tamanha importância à linguagem que chega a afirmar que um novo passo no pensamento filosófico é a —consciência de que não apenas a razão e o pensamento racional estão no centro da filosofia, mas também a linguagem, na qual tudo isso se expressal.

Segundo Palmer (2006, p.51), Gadamer defende que —a hermenêutica é um encontro com o Ser através da linguagem|, e é através desse fio condutor que o filósofo —mergulha nos problemas puramente filosóficos da relação da linguagem com o Ser, com a compreensão, a história, a existência e a realidade|.

—A arte de podermos ouvir-nos uns aos outros e a força de poder escutar o outro, isso é o novo, e nisso consiste o universal de toda

hermenêutica (GADAMER, 2011, p.168). Aqui o filósofo apresenta o diálogo como indispensável. Ouso acrescentar que é nisso que reside a beleza do existir no mundo, pois não estamos sós. É através do outro que nos reconhecemos e temos parâmetros para seguir nosso desenvolvimento enquanto seres humanos.

Além da linguagem e do diálogo, a faculdade do pensamento também é destacada pelo filósofo. Antes mesmo da expressão exterior da fala que nos aproxima do outro, —o pensamento é o diálogo da nossa mente consigo mesma (GADAMER, 2011, p.168). O que em outras palavras pode ser caracterizado como introspecção, que ao lado da linguagem e do diálogo, são alguns dos elementos chave da Biblioterapia.

Subentendido nesses dois conceitos chaves do pensamento do filósofo – linguagem e diálogo – e também da Biblioterapia, está a ideia de interação, que ocorre tanto entre o texto e o indivíduo, quanto entre os próprios participantes da atividade biblioterapêutica.

Para Hasse (2004, p.41), inclusive, o que diferencia uma simples leitura de uma leitura terapêutica é que, dentre outros fatores, —o ato da leitura para curar é um processo interativo. Com base nisso, introduzo um termo que acredito mais apropriado para denominar esse Ser que participa de forma ativa nesses processos, que vem a ser o Interagente.

Na Biblioterapia, o interagente é aquele que participa de atividades biblioterapêuticas dentro ou fora de uma biblioteca, seja em grupo ou individualmente, e que se coloca no processo de forma ativa, abrindo-se para o diálogo. É possível identificar alguns níveis de interação do indivíduo nos processos de leitura terapêutica. Ele interage tanto com o livro, ou o texto, quanto com aqueles que compartilham das atividades (SOUSA; CALDIN, 2016, p.6)

Esse termo é utilizado em diversos contextos, inclusive no campo da Biblioteconomia. Para Corrêa (2014) a palavra interagente seria mais adequada do que a palavra usuário, comumente utilizada no contexto da biblioteca. Pois, segundo a autora, interagente é: —o sujeito social e cognitivo que busca informação com vistas a solucionar questões de ordem pessoal, profissional ou acadêmica; nessa busca ele —conta com o bibliotecário na condução desse processo de forma mais interativa e parceiral (CORRÊA, 2014, p.37).

Para conversar com essa proposta de utilização do termo interagente trago Bortolin (2010, p.22) que opta pelos termos leitor-narrador e leitor-ouvinte no contexto da mediação oral da literatura onde ambos são compreendidos como sujeitos atuantes no processo: —Antes que os conceitos de leitor-narrador e leitor-ouvinte possam transparecer a concepção de indivíduos passivos, lembro que no momento da narrativa oral ambos interferem na ação do outrol, ou seja, interação entre si, o que ocorre —muitas vezes de forma inconsciente, por meio de gestos, olhares, sorrisos, cochichos, palavras etcl.

Como afirma Petit (2013, p.43-44), —os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto...l. Logo, interagem. Eles dão a sua contribuição na construção do texto e de si mesmos, uma atitude alicerçada no pensamento hermenêutico.

Em relação a esse nível de interação, apresento o ponto de vista de Iser (1999), para quem o processo de leitura é uma interação dinâmica entre texto e leitor. Defende que —autor e leitor participam de um jogo de fantasia e, ainda, —a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidadesl (ISER, 1999, p.10).

Nesse sentido, Petit (2013, p.27) lembra que —o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angustias entre as linhas e as mescla com a do autorl, e completa: —é aí, em toda essa atividade fantasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constróil.

No entanto, segundo Iser (1999, p.9) essa construção de si só ocorre quando o texto consegue —ativar certas disposições da consciência – a capacidade de apreensão e de processamentol, na medida em que se refere —a normas e valores, como por exemplo o comportamento social dos seus possíveis leitoresl, dessa forma —o texto estimula os atos que originam a sua compreensãol, ou seja possibilita uma atitude hermenêutica de interpretar e compreender.

Cabe aqui a seguinte afirmação de Gadamer (1997, p.571): —a leitura compreensiva não é repetição de algo passado, mas participação num sentido presentel. Assim, o que o interagente faz na medida em que participa ativamente do processo de leitura, enquanto leitor-ouvinte ou leitor-narrador, é uma construção de si, como afirmou Petit.

Nessa participação, explica Iser (1999, p.13), —o leitor se move constantemente no textol, a fim de que ele se transfira para sua

consciência e então possa fazer sentido, essa construção de sentido é o que vai caracterizar uma relação bem-sucedida entre o texto e o leitor. É exatamente isso que ocorre na concepção da Biblioterapia Hermenêutica de Ouaknin, que explicarei mais adiante.

Outro nível de interação presente no contexto biblioterapêutico e que está fundamentado numa visão tanto hermenêutica quanto fenomenológica é a relação entre os indivíduos, a relação com o outro. O interagente, nesse caso, utiliza a sua intercorporeidade a fim de se fazer presente no mundo e tocar o outro, através do corpo ou da fala. Como afirma Petit (2013, p.67) —a leitura é uma abertura para o outro, pode ser o suporte para os intercâmbios.

No entanto, a fim de estreitar a discussão, me detenho numa perspectiva de tais relações como prerrogativa para o bem-estar dos seres humanos, partindo do princípio de que o —ser-são é o ser que convive com o outro, pois sozinho ele estaria doente, ou seja, algo lhe faltaria (CALDIN, 2010, p. 29).

De fato, para Gadamer (2011) é através do diálogo, da fala, que a intercorporeidade ocorre. E o filósofo utiliza como exemplo a relação do médico e do paciente. Diante da distância comumente estabelecida entre esses dois sujeitos, o filósofo sugere que ambos encontrem —um solo comum no qual possam se entender, afinal, para ele, a saúde não é algo exterior ao Ser humano, —é próprio da natureza humana manter-se em harmonia com a natureza (GADAMER, 2011, p.132, 144).

No entanto, esse diálogo entre médico e paciente ao qual ele se refere, é aquele da vida comum, —que não é conduzido por ninguém, mas que conduz todos nós e, nesse sentido, —o diálogo apenas faz com que o outro, sem que volte a se desorientar, vislumbre a possibilidade de despertar a sua própria atividade interna, a qual o médico chama de colaboração (GADAMER, 2011, p. 142).

Nesse espaço do diálogo acontece a interação entre médico e paciente, ou como prefiro chamar, o interagente. Pois, no diálogo os sujeitos são ativos e é essa ação de ambos os personagens que resultará na cura, ou no reestabelecimento da saúde e do equilíbrio.

Essa discussão se torna muito pertinente na medida em que na Biblioterapia lidamos com pessoas que, em maior ou menor escala, em nível consciente ou inconsciente, buscam restaurar o equilíbrio perdido.

Nesse sentido, Ouaknin (1996, p.14) defende que: —Curar alguém é fazer falar e observar todos os obstáculos a essa palavra no corpo. A palavra é o sopro da vida do homem[...].

Dito isso, o próprio Ouaknin (1996, p.15) indaga; —de que palavra se trata? A do terapeuta? A do paciente? e em seguida afirma

—se trata de uma interação dessas duas palavras em um diálogo, e conclui:

Efetivamente, é sempre a *nossa* palavra que é o movimento e o sopro de *nossa* vida. Mas acontece com frequência que a palavra do outro ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos (OUAKNIN, 1996, p.15).

Vimos que a Biblioterapia configura-se a todo momento como um diálogo, seja entre o texto e o interagente, entre o indivíduo e sua própria consciência, ou entre eu e o outro. Nesse diálogo, uma questão fundamental, que é foco da hermenêutica é a compreensão ou interpretação, que também ocorre em vários níveis. Destaco que o filósofo francês Marc-Alain Ouaknin é um dos principais autores no campo da Biblioterapia e se baseia na hermenêutica para construir o seu entendimento sobre o tema e fundamentar o que ele chama de Biblioterapia Hermenêutica.

Ouaknin (1996, p. 19) advoga que —toda leitura implica um fenômeno de interpretação, que o ato de interpretação é inerente à leitura e que a interpretação é, em si, uma terapia. É baseado nesse pensamento que o autor defende a ideia da Biblioterapia Hermenêutica.

Segundo o autor, a Biblioterapia Hermenêutica —é uma atividade de leitura e de comentário e —se situa na corrente da hermenêutica existencial, que é uma defesa da subjetividade e do direito à *fala falante* de um ‘Eu’, e não à *fala falada* do ‘nós’ da instituição (OUAKNIN, 1996, p.20-22, grifos do autor).

Aqui o autor faz referência a Merleau-Ponty muito presente na obra de Caldin. Com base no pensamento do filósofo francês, a autora defende que a Biblioterapia, a partir do encantamento próprio do texto literário, permite a —passagem da fala falada à fala falante, ou seja, —permite ao leitor, ouvinte ou espectador ultrapassar as significações do mundo cultural e criar novas significações, uma nova maneira de compreender o mundo (CALDIN, 2010, p. 84-85).

Ouaknin (1996, p.227, grifo do autor) explica que a fala falante é a nossa fala enquanto a fala falada pertence a outros, ou seja, —quando a fala não nos pertence, somos falados, como se alguém falasse em nós. Nas palavras de Caldin (2011, p.23) com base na teoria merleau-pontyana:

A linguagem falada é o conjunto das significações de uma língua; a linguagem falante é transfiguração dessas significações. É da fala falante, produtora de significados, que se ocupa a biblioterapia.

Essa fala externa não desperta o ser, e sendo assim, não contribui para o seu desabrochar. Pois, —um corpo só desabrocha para a humanidade do humano a partir não somente da linguagem, mas ainda da *sua* linguagem (OUAKNIN, 1996, p.228, grifo do autor).

E aqui cito Petit (2013, p.47, grifo da autora), para quem: —a leitura às vezes faz surgir palavras no leitor, fecunda-o. Nesse diálogo, ele ou ela pode começar a dizer *eu*, a formular um pouco suas próprias palavras, seu próprio texto, entre as linhas lidas.

Essa palavra própria de cada ser construída a partir da obra literária é o toque de humanidade presente no humano. Percebo que é nesse processo que se concretiza a visão de Candido (2011) que entende a literatura como instrumento de humanização do ser humano na medida em que auxilia no exercício da reflexão, na aquisição do saber, na empatia, no refinamento das emoções, e no cultivo de tantas outras capacidades inatas, mas que precisam ser despertadas.

No entanto, esse processo de humanização do homem requer um despertar, requer uma atitude hermenêutica, como defende Ouaknin, pois está diretamente condicionada à fala falante, aquela que pertence ao próprio indivíduo. Daí a importância da leitura enquanto interpretação incorporada no conceito de Biblioterapia Hermenêutica, a qual:

[...] consiste essencialmente, por intermédio da leitura interpretativa, em continuar fazendo viver as palavras no homem, em fazer circular a energia simbólica, em fazer de tal modo que as palavras se façam história, dinamização do tempo pelo estouro dos nós do ser portados-inscritos nas palavras exteriores ao indivíduo que as profere. [...] A leitura biblioterapêutica faz sair da petrificação do ser, que se assenta na petrificação das palavras. A hermenêutica não é uma possibilidade do mundo, mas uma necessidade incontornável (OUAKNIN, 1996, p.229).

O movimento de criação, do desatar dos nós e de superação da petrificação do ser está intimamente ligado à interpretação. É nesse

interpretar das palavras que é possível construir um sentido para a existência. Nas palavras de Caldin (2010, p.64) na Biblioterapia, —o cuidado se volta para o leitor ou ouvinte do texto literário, que, singulares em sua existência, podem abrir-se para o mundo|. Abertura que só é possível depois de desatados os nós que roubam a liberdade do Ser.

Essa libertação por meio da literatura permite que o ser humano possa construir o sentido de si mesmo e do mundo, pois como afirma Ouaknin (1996, p.25): —o homem não tem sentido, ele se dá um. O mundo tampouco tem sentido, o homem vai dar-lhe um|. E é exatamente por meio da interpretação e da fala falante que se cria algo novo.

É nesse encontro do indivíduo com uma história lida, narrada ou dramatizada, que ocorre a criação e a libertação que conduzirá ao equilíbrio, a base da Biblioterapia, que nas palavras de Ouaknin (1996, p.197-198, grifo do autor): —funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar a cada vez de maneira diferencial, e ainda: —pela leitura e pela interpretação o *tornar-se texto* é também um *tornar-se homem*||.

Dito isso, lembro de Paulo Freire para quem o conceito de leitura ultrapassa o simples ato de decodificar símbolos através da palavra escrita; para ele a leitura do mundo precede a da palavra e implica uma prática consciente de poder transformá-lo, —de escrevê-lo ou de reescrevê-lo|| (FREIRE, 1989, p.13). Essa transformação do mundo, no entanto, passa pela transformação e pelo reescrever do próprio ser humano.

Petit (2013) também parte da ideia de que o texto transforma o homem e o mundo que o cerca. Em seus trabalhos de pesquisa antropológica ela investiga o modo como a leitura pode —ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos||; ela explica que o que a interessa é descrever como, apropriando-se de textos ou fragmentos deles, —crianças e adolescentes, mulheres e homens elaboram um espaço de liberdade a partir do qual podem dar sentido a suas vidas|| (PETIT, 2013, p.31).

Fazendo relação com a estrutura dos contos populares onde o personagem principal se afasta do lar, da família e transgride alguma regra ou estrutura, Petit (2013, p. 43) afirma que da mesma forma o leitor segue os passos desse ou dessa heroína que foge e —ali, nas histórias lidas ou ouvidas, nas imagens de um ilustrador ou de um pintor, descobre que existe outra coisa e, portanto, certo jogo, uma

margem de manobra no destino pessoal e social, e isso —lhe sugere que pode tomar parte ativa em seu próprio futuro e no futuro do mundo que o cerca.

Nesse sentido, cito também Todorov (2009, p. 32), pois ele acredita que as pessoas leem literatura —não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas sim, para nela encontrar um sentido que lhes —permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existencial, pois, —ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.

Czernianin (2008) também advoga sobre o papel que a literatura tem de modificar o ser humano, ao dizer que quando lembramos de um livro é porque vivemos o conteúdo dele e de alguma forma ele nos modificou no momento em que o lemos.

Aí reside a força da palavra, do texto, seja lido, narrado ou dramatizado. Como afirma o filósofo hermenêutico Paul Ricoer (apud OUAKNIN, 1996, p.199, grifo do autor): —compreender um texto é *se* compreender. Compreender-se é compreender-se diante do texto e receber dele as condições de um si, outro que o eu que lê. Diante de tal afirmação, Ouaknin completa que a Biblioterapia Hermenêutica está situada exatamente nessa relação dialética entre o ser humano e o texto.

Nesse sentido, o que deve ser compreendido, segundo Ouaknin (1996, p.200), —não é a intenção do autor, mas o efeito do texto no leitor que recebe e se apropria do sentido. E aqui vale retomar Iser, para quem o texto possibilita um efeito prazeroso e libertador no leitor a partir do jogo que enseja no ato da leitura.

Segundo Caldin (2012, p.6-7) com base no pensamento iseriano,

Quando preenche os vazios do texto literário com suas lembranças e expectativas, o leitor viaja no imaginário, cria uma nova realidade em que possa transitar com prazer e segurança, esquecendo-se, nesses momentos, da realidade cotidiana. Nesse sentido, podemos afirmar que transforma o ato de ler em terapia.

Isso ocorre, pois o interagente nesse processo sabe que está participando de um jogo. —O jogo da ficção, cômico de que transita em

uma outra realidade onde tudo é possível e acaba bem! (CALDIN, 2012, p.7).

Essa leitura, própria do processo biblioterapêutico, é definida por Ouaknin (1996, p.97) como leitura-criadora, a qual, —abre para novos pensamentos e novos atos, inventa novos mundos, cuja novidade é também a renovação do sujeito leitor-criador!, ele chega a essa conclusão por acreditar antes de tudo que o ser humano é uma criação contínua: —em incessante movimento de tornar-sel.

E nessa nova realidade construída a partir do texto, o leitor-criador lembra que —ele não contém apenas incontáveis possibilidades de poder ser, mas que ele tem precisamente o seu ser nesse poder ser múltiplo! (OUAKNIN, 1996, 202).

Essa lembrança, esse despertar, esse desabrochar só é possível graças ao ato de interpretar, de interagir com o texto, de jogar o jogo proposto pelo autor. Estando aberto para entrar no jogo, à maneira de Iser, ou na dança da Biblioterapia, ao meu ver, o interagente se abre para essas infinitas possibilidades de poder ser. Tal como a Moça Tecelã, de Marina Colassanti, que tece seus dias, seus sonhos e desejos e destece todos eles no momento que não cabem mais na sua vida, na sua história. E assim, dia após dia o movimento de construção de si e do seu destino segue, no caso da personagem com lindos fios de lã, no nosso caso, tendo as histórias, a literatura, como matéria prima desse processo contínuo de transformação do ser humano.

E por falar em tecer, apresento na seção seguinte o passo a passo e os retalhos (corpus da pesquisa) escolhidos para dar forma à análise proposta neste trabalho de dissertação, que será pautada numa visão hermenêutica. O que não poderia ser diferente, pois, como enfatiza Ouaknin (1996, p.25, grifo do autor): —O homem está *condenado* a interpretar! A interpretação implica a própria possibilidade de existência, transcendência e liberdade. A vida é fundamentalmente — ontologicamente — hermenêutica!.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo (ESTÉS, 1998, p.10).

A fim de tecer as distancias e aproximações da Biblioterapia no Brasil e na Polônia realizei uma pesquisa do tipo exploratória de caráter bibliográfico com uma abordagem qualitativa. A seguir apresento alguns conceitos relevantes para a compreensão da metodologia escolhida. Além disso, aponto o passo a passo para chegar ao corpus da pesquisa, com descrição das bases de dados escolhidas e identificação do material recuperado. Por fim, pontuo algumas diretrizes que adotei na condução da análise, baseada no método de análise de conteúdo de Bardin e na Hermenêutica de Gadamer.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa, com base em Demo (2009, p.10) vem a ser: —um diálogo inteligente e crítico com a realidade, tomando como referência que o sujeito nunca dá conta da realidade, além disso, —o objeto é sempre também um objeto-sujeito. Tendo consciência dessa perspectiva, é necessário alicerçar o trabalho de exploração de uma determinada realidade em bases metodológicas consistentes. Sendo assim, classifico a minha pesquisa como qualitativa, do ponto de vista da análise dos dados, tendo em vista que a proposta é adentrar o universo da Biblioterapia sem a preocupação de mensurar os dados coletados, ou seja, prescinde do uso de técnicas estatísticas.

Segundo Braga (2007, p.27) —nesses casos, os métodos qualitativos ajudam não apenas a compreender o objeto de estudo, mas também a construí-lo a partir de novos aspectos e sob novas perspectivas.

Minayo (2008, p.21) afirma que a pesquisa qualitativa se propõe a responder questionamentos muito singulares relativos aos fenômenos humanos e à realidade social vivida, características intrínsecas ao fazer do ser humano, este ser único que possui a capacidade de se relacionar a partir da linguagem e que —se distingue

não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantesl.

Em termos semânticos, a palavra qualitativa —implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17). Sendo assim, leva-se em conta outros aspectos que não o dado quantificado, a fim de se conhecer a realidade dos fenômenos.

Para Triviños (2012) não é fácil conceituar o que vem a ser a pesquisa qualitativa. No entanto, o autor apresenta dois traços fundamentais que podem caracterizá-la: —Por um lado, sua tendência definida, de natureza desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano; e, por outro, relacionada com aquela, a rejeição da neutralidade do saber científico (TRIVIÑOS, 2012, p. 125).

Ainda na tentativa de definir e caracterizar a pesquisa qualitativa, Triviños (2012, p.130) se apoia em Bogdan para indicar algumas características peculiares relacionadas a essa abordagem, das quais destaco a seguinte: —o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Triviños (2012, p.130) afirma que a pesquisa qualitativa atribui uma atenção especial aos "pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas", ou seja, dentre outros fatores, à cultura na qual o indivíduo está inserido, pois esse é um fator que determinará os significados que os sujeitos atribuem aos fenômenos e à realidade. Logo, ao partir para uma pesquisa com uma abordagem qualitativa deve-se levar em conta tais aspectos, os quais são, em outras palavras, de caráter subjetivo.

Questões referentes à neutralidade e à subjetividade levantadas por Triviños são recorrentes quando se discute a pesquisa qualitativa. Sobre essa temática apresento o ponto de vista de Demo (2009, p. 23):

A obsessão pela objetividade (da realidade) e neutralidade (do sujeito) no paradigma modernista da ciência sempre foi marca ostensiva, correspondendo menos ao que seria a realidade, do que às expectativas do método de análise. O pós-modernismo colocou em xeque tais crenças porque são apenas crenças. Acreditamos piamente que vemos a realidade assim como ela é, embora a vejamos assim como podemos.

Ainda sobre o conceito de neutralidade Demo (2009, p.24, 25) acrescenta que —até mesmo em berço positivista, acabou-se reconhecendo que a neutralidade é uma maneira de tomar posição, e ainda, segundo o autor: —neutralidade é golpe de quem se vende por neutro e supina ingenuidade em quem nisso acredita. A posição de Demo é estritamente hermenêutica, no sentido de que leva em conta aspectos de cunho cultural e histórico no fazer científico.

Em se tratando da hermenêutica, Alexandre (2014, p.30, 70), afirma que, enquanto método, é considerada uma das bases mais importantes de investigação nas ciências humanas e sociais, a qual —recolhe da riqueza inesgotável da experiência humana aquilo que atribui significado; além disso, a partir de uma compreensão hermenêutica da realidade —os fenômenos humanos caracterizam-se invariavelmente por apresentar algum sentido: cabe à ciência tentar compreendê-lo.

No método hermenêutico de investigação científica, diferente do positivismo que se alicerça na observação empírica e objetiva dos fenômenos, é levado em conta, sobretudo, a subjetividade e a riqueza dos detalhes, a partir de tudo que é produzido e expressado pelo ser humano (ALEXANDRE, 2014).

A hermenêutica propõe o estudo da experiência humana como subjetividade infinita e inesgotável de sentido. Neste trabalho percebo e emprego a subjetividade sob o ponto de vista hermenêutico, e concordo com Alexandre (2014), ao advogar que o significado de cada cultura em particular deve ser considerado, independentemente de qualquer pretensão generalista abrangente quanto à correspondência com a verdade absoluta da tradição científica, tida como neutra e objetiva.

Vale ressaltar que a hermenêutica enquanto método, assim como a hermenêutica filosófica, foi delineada pelo alemão Gadamer. Seu pensamento e método permearão todo o meu trabalho de pesquisa. Pois, dentre outros fatores, admite a subjetividade e coloca o ser humano como foco do processo de pesquisa levando em consideração os aspectos culturais e históricos do ser humano.

Gadamer preocupa-se, desde o início de seu trabalho hermenêutico, com a conexão a ser estabelecida entre o mundo da ciência e o mundo da vida. Ou seja: ele se interessa pelo problema de mediação entre o que denomina de imagem natural do mundo, que segundo Siebeneichler (1983, p. 24) é entendida como —a experiência que fazemos enquanto homens que vivemos a nossa história e o nosso destino; dito de outra maneira: Gadamer procura fundir ciência e a

técnica, resultados da elaboração humana, com as —ordens fundamentais de nosso serl.

Para o filósofo, diferente das ciências naturais, as ciências de natureza humanísticas, ou como ele denomina ‘_ciências do espírito’, que correspondem às ciências humanas e sociais, apresentam uma forma diferente de investigação, e que —aproxima-se especialmente do âmbito das artesl (GADAMER, 1997, p.15). Logo, permite o aflorar da intuição e da subjetividade e leva em conta o sujeito nesse processo. É aí onde reside a essência do método hermenêutico.

O instrumento chave do método hermenêutico de investigação é o texto. E com base nisso, busco também suporte na análise de conteúdo de Bardin que propõe diferentes etapas para a exploração do material em questão, que neste caso serão artigos de periódicos científicos. Mais adiante trarei mais detalhes sobre a proposta de Bardin que empregarei neste trabalho de pesquisa.

Além de se caracterizar como qualitativa com uma abordagem hermenêutica, a minha pesquisa é de cunho exploratório do ponto de vista dos objetivos, pois visa —reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anteriorl; além disso, esse tipo de pesquisa —não costuma produzir resultados muito conclusivos ou respostas para determinados problemas, mas indica pesquisas futurasl (BRAGA, 2007, p.25).

Tendo em vista este conceito, para explorar o tema da Biblioterapia no Brasil e na Polônia busquei suporte no procedimento técnico de pesquisa bibliográfica, que se mostra igualmente adequada a fim de conhecer uma realidade pouco investigada.

Ressalto que a pesquisa bibliográfica aparece em dois momentos distintos do presente trabalho. Inicialmente realizei uma pesquisa com tais características para compor a fundamentação conceitual e teórica, baseada em livros, artigos, teses e dissertações de diferentes áreas como a Ciência da Informação, Filosofia, Psicologia e Literatura em português, inglês e polonês, reforçando o caráter interdisciplinar da Biblioterapia. Para Demo (2009, p.26), a interdisciplinaridade é: —exigência da própria realidade e da mente analítica. Com efeito, a realidade é complexal.

Também me baseei na pesquisa bibliográfica a fim de identificar o conteúdo a ser explorado como o corpus da pesquisa, o qual foi composto por artigos científicos sobre o tema da Biblioterapia, publicados entre 2000 e 2015 em periódicos brasileiros e poloneses da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

3.2 Análise de conteúdo

Antes de apresentar o corpus da pesquisa, falarei um pouco sobre o tipo de análise empregada para a interpretação do material coletado: a análise de conteúdo de Bardin. Para tanto, sinto a necessidade de abordar dois conceitos importantes: análise e interpretação.

Para Gomes (2012, p.80), na análise se decompõem os dados buscando as relações entre as partes decompostas, e na interpretação —buscam-se o sentido das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito ou analisado. Sob o ponto de vista de Gomes (2012) esses dois conceitos não podem ser tomados como fases ou etapas distintas no processo da pesquisa qualitativa e de fato análise e interpretação ocorrem ao longo de todo o processo. Isso é o que pressupõe toda pesquisa com uma abordagem hermenêutica: interpretar e compreender. Como afirmam Denzin e Lincoln (2006, p.198, grifo dos autores): —a compreensão é a interpretação.

Mas para chegar à interpretação e à compreensão da realidade investigada a partir dos artigos selecionados, segui alguns preceitos apontados por Bardin (2010) no método de análise de conteúdo.

Minayo (2008, p. 306) explica que em determinado momento histórico o modelo matemático para a análise qualitativa foi se curvando —à importância da compreensão dos conteúdos latentes, e dessa forma, —mostra que o rigor matemático pode ser uma meta e vir junto com outras formas de validação, mas nunca substituir a intuição e a busca do sentido das falas. Nesse contexto, a técnica de análise de conteúdo foi tomando forma.

Em termos operacionais, Minayo (2008, p.308) destaca que —a análise de conteúdo parte de uma leitura de primeiro plano das falas para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material. Para tanto, Bardin (2010) dividiu o processo em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Segundo Bardin (2010, p. 90) o objetivo da pré-análise é a organização, a qual é composta por atividades —não estruturadas ou abertas; são elas: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, formulação das hipóteses ou objetivos, a referência dos índices e a elaboração de indicadores e, por último, a preparação do material.

Por leitura flutuante entende-se o contato inicial com os textos que serão analisados, —deixando-se invadir por impressões e orientações, dessa forma —pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, o que ocorre em decorrência de hipóteses emergentes, da projeção de teorias e da aplicação de técnicas que já foram utilizadas em matérias semelhantes (BARDIN, 2010, p.90).

A escolha dos documentos pode ser feita a partir dos objetivos que foram previamente definidos; são eles que irão definir o corpus da pesquisa, que vem a ser —o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos (BARDIN, 2010, p.90).

Na etapa da pré-análise, Bardin (2010, p.92) destaca a formulação das hipóteses e dos objetivos, mas ao mesmo tempo ressalta que não é obrigatório estabelecê-la para se proceder a análise, e afirma: —algumas análises efectuam-se às cegas e sem ideias pré-concebidas. É com base nesse pressuposto colocado pela autora que se pauta o trabalho de análise aqui realizado, sem conceitos pré-estabelecidos a fim de que as descobertas aconteçam ao longo do processo.

Ainda na pré-análise deve-se fazer a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores que Bardin (2010, p.93) explica da seguinte forma: —se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes, e destaca que —o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Em seguida ocorre a organização dos índices em indicadores, os quais posteriormente darão origem às categorias que serão submetidas à análise temática.

Por categorias entende-se —rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos, e —o bom analista será, talvez, em primeiro lugar, alguém cuja capacidade de categorizar está desenvolvida (BARDIN, 2010, p. 111, 113). As categorias aplicadas neste trabalho de análise estão diretamente ligadas aos objetivos específicos desta pesquisa e serão apresentadas no início da subseção seguinte.

Por último, na etapa de pré-análise é necessário fazer a preparação do material, que em outras palavras é a edição dos textos que serão analisados, com recortes das partes relevantes para a análise.

Após a pré-análise, segue a etapa de exploração do material que, segundo Bardin (2010, p.95), —não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Por fim, ocorre o tratamento dos

resultados e a interpretação. É nessa fase que o pesquisador pode —propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas! (BARDIN, 2010, p.95).

Na terceira fase, onde ocorre de fato a interpretação do material, é preciso levar em consideração alguns aspectos, e destaque, especialmente o material deste ofício, ou seja, o texto e a postura do pesquisador. No caso desta pesquisa, tendo como base uma abordagem hermenêutica, entendo que meu trabalho aqui se configura como uma arte e me coloco diante desse ofício como uma artesã. Uma tecelã na arte da interpretação que utiliza os textos como retalhos.

3.3 A postura do pesquisador/*bricoleur* na arte da interpretação

Cabe lembrar que a hermenêutica se baseia na arte de interpretação, ou compreensão de textos, e atribui valor significativo à linguagem. A expressão texto é utilizada num sentido bem amplo, e se refere a livro, artigo, documento, entrevista, biografia, dentre outros (MINAYO, 2008); para efeitos deste trabalho considero os artigos científicos.

Segundo Demo (2009), em se tratando de uma análise hermenêutica é preciso levar em conta o que foi dito para além do texto, o que não foi dito ou o que ficou nas entrelinhas.

A hermenêutica se especializa em perscrutar o sentido oculto dos textos, na certeza de que no contexto há por vezes mais do que no texto. Esgueira-se nas entrelinhas, porque nas linhas está, por vezes, o que não se queria dizer. Assim, um discurso não se entende apenas na sua forma, no seu formato, na sua gramática, mas no conteúdo que quer dizer [...] Para se chegar a compreender este sentido oculto, há que conhecer antecedentes, o passado que ficou, a cultura que o gerou, a maneira particular de ser, a circunstancia momentânea (DEMO, 2009, p. 248).

Foi pautada nessa visão apresentada por Demo (2009) que conduzi este trabalho, a partir de uma abordagem hermenêutica, a qual me abre caminhos para explorar o desconhecido com base não só nos

textos que terei em mãos, mas também respaldada na cultura, na história, na linguagem e nos silêncios implícitos.

Como citado anteriormente na fundamentação conceitual e teórica, o diálogo está no centro do pensamento de Gadamer e é o que conduz a prática hermenêutica de apreensão da realidade. Nesse caso, —exige do intérprete empatia, capacidade de se colocar no lugar do outrol (DEMO, 2009, p. 249). Além disso, outra qualidade fundamental para aquele que se propõe mergulhar no universo da compreensão da comunicação humana é a humildade.

Diante de fenômeno tão humano, frágil e sensível, é mister um método adequado, dotado de humildade de quem se dispõe a escutar primeiro, para depois pronunciar-se, comprometido a compreender o sentido real apesar do texto, dedicado a perscrutar as entranhas das ondas comunicativas que facilmente se desgarram e _descomunicam‘ (DEMO, 2009, p. 249).

Minayo (2008), tomando como base Gadamer dentre outros teóricos, apresenta algumas balizas da postura hermenêutica que o pesquisador deve adotar. São, antes de tudo, recomendações que devem ser seguidas para que a pesquisa assuma de fato uma característica hermenêutica.

Dentre as recomendações estão: buscar o contexto do texto, com dados históricos e elementos da cultura e da tradição em que o texto foi desenvolvido; adotar uma postura de respeito pelo que o outro diz; o pesquisador não deve buscar nos textos uma verdade absoluta; e, ao interpretar, o investigador deve ir além do próprio autor, ou seja, levando em conta não só o que foi dito, mas o que está nas entrelinhas e no contexto.

Minayo (2008, p. 344) pontua ainda o caminho da hermenêutica com base em algumas considerações sobre a prática interpretativa; dentre elas a autora destaca que é preciso —buscar as diferenças e as semelhanças entre o contexto do autor e o contexto do investigadorl e ainda, —explorar as definições de situação do autor, que o texto ou a linguagem em análise permitel. Sobre esse último ponto Minayo (2008) afirma que tais definições geralmente não estão explícitas. O que exige que o pesquisador seja capaz de identifica-las e compreendê-las.

Tais orientações da metodologia hermenêutica são aplicáveis à pesquisa na medida em que verifico a prática biblioterapêutica em

contextos bem distintos de espaço e de tempo e principalmente, distintos culturalmente. Refiro-me às práticas empregadas no Brasil e na Polônia. Dois países com realidades muito diferentes, mas que pretendo penetrar a partir dos textos munida dessa visão hermenêutica de ciência.

Durante todas as etapas deste trabalho de pesquisa gosto de me perceber como um *bricoleur*, ou confeccionador de colchas, termo apresentado por Denzin e Lincoln (2006) a partir de releituras de alguns autores clássicos da seara da investigação qualitativa. Segundo os autores, existem diversos tipos de *bricoleurs*, mas aquele que mais se encaixa nesta pesquisa e com o qual eu me identifico é o chamado *bricoleur* interpretativo.

O *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário [...]. O produto do trabalho do *bricoleur* interpretativo é uma *bricolage* complexa (que lembra uma colcha) – uma colagem ou uma montagem reflexiva – um conjunto de imagens e de representações mutáveis, interligadas. Essa estrutura interpretativa é como uma colcha, um texto de *performance*, uma sequência de representações que ligam as partes ao todo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20, grifo dos autores).

Como na arte de confeccionar uma colcha de retalhos, o fazer científico se apresenta como uma tessitura, ou seja, —modo como interligamos as partes de um todo (ALEXANDRE, 2014, p. 140). Sendo assim, aos poucos fui juntando os retalhos a fim de criar um objeto preñado de sentido para mim e para o outro. Munida destas orientações, tecidos, agulha e linha, fui alinhavando as partes para apresentar um panorama da Biblioterapia no Brasil e na Polônia com base na análise dos artigos brasileiros e poloneses sobre a temática.

No entanto, antes de partir para o trabalho de *bricolage* precisei escolher os retalhos para compor essa tessitura. Para tanto, empreendi um trabalho de pesquisa bibliográfica que resultou na composição do corpo desta pesquisa e que apresento na subseção seguinte.

3.4 Os retalhos: corpus da pesquisa

Para reunir o material que serviu de corpus desta pesquisa, segui as quatro fases da pesquisa bibliográfica apontadas por Lakatos e Marconi (2007): identificação, localização, compilação e fichamento.

Inicialmente, realizei buscas em diversas bases de dados internacionais e nacionais a fim de identificar a disponibilidade de trabalhos sobre a temática. As duas bases que possibilitaram a recuperação de maior quantidade de artigos relevantes para a pesquisa foram as duas mais conceituadas no âmbito da Ciência da Informação, são elas: a Library & Information Science Abstracts (LISA) e a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Na primeira, localizei os artigos poloneses, e na base brasileira foram recuperados os artigos nacionais, utilizando respectivamente os termos *bibliotherapy* e biblioterapia em todos os campos da busca.

Após a leitura e fichamento dos artigos poloneses recuperados na LISA, verifiquei que apenas sete seriam úteis na proposta de análise. Diante disso, foi preciso acrescentar mais alguns artigos aptos a serem analisados e, portanto, foram escolhidos mais três artigos da revista polonesa *Przełqđ Biblioterapeutyczny*, especializada em biblioterapia, a fim de chegar a um corpus de pesquisa de pelo menos 10 artigos sobre a prática da biblioterapia na Polônia. Em relação aos artigos brasileiros não ocorreu esse tipo de problema, visto que a grande maioria apresenta exemplos práticos da biblioterapia no Brasil.

Após localizar os artigos nos periódicos, procedi à compilação dos mesmos. Por fim, realizei o fichamento do material para a posterior análise. Antes de fazer a leitura dos artigos em polonês utilizei recursos de tradução online, em especial o Google Tradutor, e dicionários. A tradução foi feita do polonês para o inglês, pois constatei que dessa forma o texto ficaria mais fiel ao original. Por conta do idioma polonês ser muito distinto do português e por ser precário o vocabulário do próprio tradutor online na conversão para o português, optei pela leitura da tradução do inglês.

Esclareço que participei de um curso de polonês para iniciantes ofertado na UFSC e que teve duração de um semestre. As aulas foram ministradas pela professora polonesa Klaudia Kantarowska e, com base nesse aprendizado, consigo ler pequenos trechos em polonês. O que foi muito útil para consultar, quando necessário, o material original. Além disso, em alguns momentos, foi preciso recorrer à professora Kláudia

para tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo do trabalho de tradução.

A seguir apresento o passo a passo da seleção do material e a lista dos artigos que compõem o corpus desta pesquisa.

3.4.1 Artigos poloneses

Boa parte dos artigos poloneses foram recuperados na *Library & Information Science Abstracts* (LISA), que é uma base renomada de âmbito internacional que permite —acesso a artigos de periódicos, desde 1969 até a presente data, de mais 440 títulos de periódicos relacionados com Biblioteconomia e Ciência da Informação (COSTA; CUNHA, 2015, p.130).

Na pesquisa, identifiquei que a LISA é a base que indexa maior número de periódicos poloneses da área da CI, o que possibilitou a recuperação de um número significativo de artigos sobre a temática de Biblioterapia. Por conta disso, vale apresentar alguns dados considerados relevantes para efeitos da pesquisa.

Ao buscar pelo termo *bibliotherapy* na LISA foram recuperados 261 documentos que datam do período de 1969 a 2016 (dados de agosto de 2016). Desse total, destaco que os dois periódicos com maior incidência de publicações sobre o tema são da Polônia: *Poradni Bibliote arza* (17) e *Bibliotekarz* (14). Mas como a proposta não foi analisar material desse período, não me detive sobre esses dados. Trago apenas para que seja possível ter uma visão geral da ocorrência das publicações polonesas na base. Portanto, apresento abaixo um ranking dos periódicos com mais artigos publicados (acima de três artigos) com o termo *bibliotherapy* e seus países de origem no período de 1969 a 2016.

Quadro 1- Periódicos e seus países de origem de 1969 a 2016:

Periódico	Nº de artigos na LISA	País
	17	Polônia
	14	Polônia
	7	Reino Unido

Continua

continuação

Australasian Public Libraries and Information Services (APLIS)	6	Austrália
Konyvtari Figyelo	6	Hungria
	6	EUA
	5	Holanda
	5	Alemanha
	4	EUA
Health and Rehabilitative Library Services Division Journal	4	EUA
	4	Finlândia
	4	Reino Unido
S	4	Africa do Sul
	4	Alemanha

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016

No período de 2000 a 2015 na base de dados LISA, o Brasil aparece com três artigos publicados sobre o tema, sendo duas publicações do periódico Biblionline e uma do Informação e Informação. Tais artigos também aparecem na pesquisa feita a partir da BRAPCI, que abordarei mais adiante.

Voltando aos dados recuperados na base LISA, destaco que dentro do recorte temporal da pesquisa, ou seja, do ano de 2000 a 2015, os artigos em língua polonesa – publicados na Polônia – ocupam o segundo lugar (com 21 artigos).

O maior número de publicações foi obtido no idioma inglês (62). No entanto, estas publicações estão distribuídas entre os países do Reino Unido, Austrália, EUA e África do Sul. Logo, fazendo o refinamento dos dados por idioma e país de publicação é possível concluir que a Polônia é quem tem mais artigos indexados sobre Biblioterapia na LISA.

Os 21 artigos em polonês indexados na LISA com o termo *'bibliotherapy'* no período de 2000 a 2015, pertencem a quatro periódicos: *Poradnik Bibliotekarza*(11), *Bibliotekarz* (7), *Biuletyn EBIB* (2) e *Przegląd Biblioteczny* (1). No entanto, só foi possível localizar o texto completo de 14 artigos poloneses através do site da Associação de Bibliotecários da Polônia (*Stowarzyszenie Bibliotekarzy Polskich - SBP*).

Após uma breve leitura dos artigos percebi que alguns se tratavam de editoriais, resumos de conferências e outros eram teóricos. Logo, não se encaixariam na proposta desta pesquisa por não abordarem a prática da Biblioterapia na Polônia, aspecto que pretendo explorar na análise. Sendo assim, optei por utilizar alguns desses artigos na revisão de literatura. Por fim, após o refinamento utilizando tais critérios, reforço que restaram apenas sete artigos poloneses recuperados na LISA.

Reafirmo que, por considerar esse número ínfimo para compor uma análise, recorri à revista especializada em biblioterapia da Universidade de Wrocław, a *Przegląd Biblioterapeutyczny*, também chamada de *Bibliotherapy Review*, a fim de identificar alguns artigos que se encaixassem na proposta e foi possível recuperar três artigos. Por fim, obtive um total de 10 artigos para fins da análise.

Destaco que desse total, sete são sugestões de aplicação da Biblioterapia em diferentes contextos. Essa foi uma característica que me chamou a atenção, pois aparece como uma tendência nos periódicos poloneses da área. Os outros três são relatos de atividades.

Numa análise feita por Budzińska (2014) sobre os tipos de trabalhos sobre Biblioterapia publicados em três periódicos poloneses da área de Biblioteconomia (*Poradnik Bibliotekarza*, *Bibliotekarz* e *Bibliotek w Szkole*) – infelizmente, esse último não é indexado pela LISA, a autora identificou que boa parte dos trabalhos tem essa característica, ou seja, são dedicados a sugestões de como fazer os encontros biblioterapêuticos.

A autora destaca especialmente o periódico *Poradnik Bibliotekarza* como o que mais publica esse tipo de trabalho, o que ficou claro nesse breve recorte que fiz através da LISA. Todos os sete artigos

com sugestões de práticas pertencem ao periódico citado. Sem dúvida, a sugestão de atividades de forma detalhada, com exemplos de técnicas e bibliografia a serem utilizadas estimula o profissional a colocar em prática a Biblioterapia e demonstra possíveis tendências na área.

A fim de ter uma visão geral dos artigos poloneses que compõem o corpus desta pesquisa, apresento a seguir o quadro com os títulos, a autoria, o nome do periódico e o ano de publicação dos artigos. Ressalto que para melhor entendimento do conteúdo dos artigos optei pela tradução dos títulos dos artigos para o português.

Quadro 2: Artigos sobre a prática da Biblioterapia na Polônia

TÍTULO	AUTOR	REVISTA	ANO
Função terapêutica dos filmes para crianças durante as atividades da Biblioteca Pública municipal de I .	Dorota Kasprzyk	ą Biblioterapeutyczny	2015
O uso de biblioterapia no trabalho com estudantes entre 10 e 12 com baixa auto-estima.	Karolina Uń	ą Biblioterapeutyczny	2014
Bibliografia analítica para encontros de Biblioterapia com as pessoas em risco de exclusão social.	Wioletta Karpiak	ą Biblioterapeutyczny	2012
Biblioterapia na Biblioteca Pública municipal de Gdynia Library.	Renata Rzepecka-Stenka	Bibliotekarz	2010
Biblioterapia para crianças com problemas de aprendizagem.	Lidia Ippoldt	Poradnik Bibliotekarza	2009

Continua

continuação

Maneiras de minimizar o impacto da ansiedade e agressão de crianças e adolescentes através da Biblioterapia.	Wanda Matras-Mastalerz	Poradnik Bibliotekarza	2009
Programa de Biblioterapia.	Agata Widzowska-Pasiak	Poradnik Bibliotekarza	2009
Existe esse tal jardim – Um programa terapêutico para idosos.	Irena Borecka	Poradnik Bibliotekarza	2008
Oficina de Biblioterapia.	Maria Widerowska	Poradnik Bibliotekarza	2008
"Computador não é ”: Atividades biblioterapêuticas com estudantes da quinta série.	Lilla Pietrzykowska	Poradnik Bibliotekarza	2008

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016.

3.4.2 Artigos brasileiros

Nas buscas feitas na base internacional LISA, o Brasil apresentou número pouco significativo de artigos indexados. Foram recuperados apenas três artigos de periódicos nacionais publicados entre 2000 e 2015, sendo dois da Biblionline e um da revista Informação e Informação. Cabe esclarecer, que dois desses artigos foram incluídos no corpus da pesquisa por se tratarem de relatos de práticas e pelo fato de também terem sido recuperados através da Base de Dados em Ciência da Informação - BRAPCI, base escolhida para compor o quadro de artigos brasileiros sobre Biblioterapia.

A BRAPCI é coordenada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, atualmente, indexa 53 revistas científicas, o que faz dela uma das ferramentas mais utilizadas pelos pesquisadores brasileiros da área da Ciência da Informação.

Partindo para a pesquisa dos artigos brasileiros sobre o tema indexados na BRAPCI, realizei a busca com o termo Biblioterapia entre 2000 e 2015. Foram recuperadas 32 publicações. Desse total foram excluídos os artigos duplicados e os resumos e editoriais e restaram 24 artigos. No entanto, por conta da grande quantidade de material, foi preciso fazer um refinamento ainda maior e para tanto utilizei o mesmo critério dos artigos poloneses, deixando apenas aqueles que estavam mais direcionados à prática da Biblioterapia no Brasil. Por fim, cheguei ao total de 13 artigos. Abaixo apresento o quadro com os títulos, a autoria, o nome do periódico e o ano de publicação dos artigos.

Quadro 3: Artigos sobre a prática da Biblioterapia no Brasil

TÍTULO	AUTOR	REVISTA	ANO
Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Daiana de Lima; Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2013
Biblioterapia com crianças com câncer	Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto	Informação & Informação	2012

Continua

continuação

Biblioterapia na melhor idade	Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetto; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2012
A parceria entre Ciência da Informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social	André Anderson Cavalcante Felipe; Jesiel Ferreira Gomes	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2009
A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico	Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2009

Continua

continuação

A Biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	Eva Maria Seitz	ETD - Educação Temática Digital	2008
Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Raquel Souza	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2007
Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso	Elaine Rosangela de Oliveira Lucas; Clarice Fortkamp Caldin; Patrícia V. Pinheiro da Silva	Perspectivas em Ciência da Informação	2006
Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em Clínicas Médicas	Eva Maria Seitz	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2006

Continua

continuação

Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa	Rachel Barbosa de Castro; Edna Gomes Pinheiro	Biblionline	2005
Biblioterapia para a classe matutina de aceleração⁷ da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência	Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2003
A aplicação da biblioterapia em crianças	Silvana Beatriz Bueno; Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2002
Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência	Clarice Fortkamp Caldin	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da	2002

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016.

⁷ O Projeto Classe de Aceleração, implantado pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina em 1998, teve como objetivo acelerar os estudos de alunos que se encontravam defasados em relação à idade cronológica/série escolar.

3.5 Categorias de análise

Antes de partir para a análise e interpretação dos artigos, apresento a seguir as categorias que foram analisadas, dentro do conceito de análise de conteúdo de Bardin. A escolha das categorias teve como base os objetivos específicos definidos neste trabalho de pesquisa. Como apresentados no quadro a seguir:

Quadro4 – Objetivos e categorias de análise

Objetivo	Categorias
Identificar a participação de bibliotecários no fazer biblioterapêutico do Brasil e da Polônia	Quem executa?
Apontar os locais de aplicação da Biblioterapia no Brasil e na Polônia	Onde executa?
Verificar as estratégias de desenvolvimento e o público das atividades de Biblioterapia no Brasil e na Polônia	Como/para quem executa?

Fonte: A autora.

Partindo dessas três categorias, procedi à leitura e ao fichamento dos artigos buscando identificar elementos para preenchê-las, o que, do ponto de vista de Bardin (2010), corresponde à etapa de exploração do material e aplicação das decisões tomadas, ou seja, o momento de preencher as categorias descritas.

Com base nesse material, apresento a seguir a última fase descrita por Bardin (2010), de tratamento dos resultados, momento em que ocorre, de fato, a análise e interpretação. Essa é a etapa que traduz a essência deste trabalho de pesquisa e que foi realizada com muito cuidado, pois está permeada de fios e de tecidos bem distintos que unidos devem tomar a forma de um tecido harmônico, como uma bela colcha de retalhos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Não existe um jeito certo ou errado de contar uma história. Talvez você se esqueça do início, do meio ou do final. Mas um pouquinho de sol nascendo através de uma pequena janela também anima o coração... (ESTÉS, 1998, p.38).

Apresento nessa seção, a análise dos artigos baseada nas categorias descritas. Primeiro, revelo quem executa, onde executa e como e para quem executa no Brasil e em seguida apresento a análise com base nos artigos poloneses. Por fim, mostro características da prática nesses dois países e identifico algumas distâncias e aproximações da prática da Biblioterapia tanto no Brasil quanto na Polônia.

4.1 Biblioterapia no Brasil: quem, onde, como e para quem

Com base nos artigos analisados identifiquei quem está envolvido com a prática da Biblioterapia no Brasil: em sua maioria, estudantes e professores do curso de Biblioteconomia. Em apenas três casos, bibliotecárias estiveram à frente das práticas. Os demais envolvidos com as práticas são professoras com graduação em Biblioteconomia e estudantes desse mesmo curso sob a coordenação das docentes.

Em alguns relatos de atividades foi enfatizada a presença de outros profissionais, especialmente quando desenvolvidas em hospitais e asilos. A presença do psicólogo e a colaboração da equipe de enfermagem foi destacada por Caldin (2002), por exemplo, como de extrema importância para o andamento do projeto realizado no HU/UFSC. No entanto, segundo a autora, tal parceria só ocorreu num primeiro momento e fez grande diferença no andamento das atividades.

No tocante ao quesito onde executa, nos artigos brasileiros, o hospital aparece em cinco dos 13 relatos o que o coloca como o local preferido para aplicação da Biblioterapia no Brasil. Os asilos e escolas aparecem em três relatos cada. Em um artigo a prática acontece num condomínio residencial. E a biblioteca aparece como espaço de aplicação em apenas um relato.

A tendência de levar a Biblioterapia para os hospitais não é nova. Na verdade, ela está fortemente ligada à maneira como a prática se desenvolveu ao longo do tempo. Segundo Hasse (2004), já no século XIII, médicos árabes recomendavam a leitura de trechos do Alcorão aos pacientes. Como relata a autora, até o final do século XIX, as bibliotecas estavam presentes em grande parte dos hospitais europeus e começava a adentrar também os hospitais dos EUA. Hasse (2004) acrescenta ainda que os primeiros estudos sobre os efeitos da literatura sobre os doentes foram publicados por médicos norte-americanos e a prática ganhou força nos hospitais do país, sendo bastante utilizada para tratar os enfermos durante a primeira guerra.

Segundo Maltez (2011, p. 19), nesse período, —a biblioterapia é aplicada por bibliotecários leigos que, a serviço da Cruz Vermelha, ajudam a construção de bibliotecas nos hospitais do exército e, nesse momento, enfermeiros e médicos americanos que desenvolveram essa prática nos hospitais perceberam que —a leitura era benéfica e calmante para os que estavam em sofrimento.

Hasse (2004, p.40) esclarece que a Biblioterapia aplicada em hospitais e clínicas de saúde sempre teve um caráter corretivo, mas —quando passou a ser aplicada junto a crianças, adolescentes e jovens, em outros ambientes, como nas escolas, bibliotecas e centros comunitários, ganhou um aspecto preventivo.

A prevenção ocorre no sentido de que possibilita o desatar dos nós e, com isso, a restauração do equilíbrio perdido, que caso não seja tratado, pode futuramente ocasionar uma patologia de ordem mental ou física. Através da literatura o ser humano pode transpor sua realidade, vivenciar a experiência do personagem, aliviar tensões e refletir sobre si mesmo, o outro e o mundo que o cerca. É dessa forma, que compreendo o potencial terapêutico da literatura enquanto método preventivo.

E foi isso que observei nos relatos brasileiros sobre as práticas que ocorreram em escolas e asilos. Castro e Pinheiro (2005, p.6), por exemplo, afirmam que a atividade biblioterapêutica foi utilizada junto aos idosos por entender que ela é —capaz de fazer os idosos esquecerem as limitações peculiares às derradeiras fases da vida e com isso, promover a —possibilidade de um envelhecer feliz.

No relato de Rossi, Rossi e Souza (2007, p.330) as autoras afirmam que a partir da atividade de Biblioterapia foi possível proporcionar para as idosas um momento de —muita alegria e muito carinho que estavam expressos em cada abraço e cada sorriso, o que se configura como um elemento terapêutico já que a maioria das abrigadas na instituição relatara situação de abandono por parte dos familiares.

Rossi, Rossi e Souza (2007, p.330) concluem que a realização da atividade no abrigo propiciou um —dia diferente àquelas senhoras, proporcionando, através de uma atitude tão simples, sensação de bem-estar, alívio do estresse, aumento da auto-estima, confraternização com todo o grupol.

No estudo de caso de Lucas, Caldin e Silva (2006) realizado numa creche com crianças em idade pré-escolar foi possível identificar na fala dos autores que a atividade surtiu os efeitos terapêuticos desejados, pois proporcionou às crianças a descontração, o estímulo à criatividade, amenizou os efeitos causados pelo afastamento prolongado da família, e contribuindo para o bem-estar de todas.

Tais efeitos podem ser percebidos pelos aplicadores da Biblioterapia, pois, segundo relatado por eles, as crianças —pareciam muito felizes e gratas pela atenção, carinho e dedicação recebida, ratificando que atividades como as desenvolvidas em todo o trabalho podem auxiliar no amadurecimento afetivo, emocional e físico das crianças envolvidasl (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006).

Na atividade realizada por Caldin (2003, p.414) para um público de jovens de uma escola pública, ela observou que —alunos que mostravam muita agressividade modificaram um pouco o seu comportamento, o que foi notório em atividades em equipel, enquanto —alunos tímidos e reservados apresentavam seus comentários e interpretações, sem medo de cair no ridículol, e a simpatia de alguns alunos arredios com a aplicadora da biblioterapia também permitiu uma aproximação, —o que possibilitou à mesma a oportunidade de conversar sobre problemas de origens diversas que os angustiavaml.

Nesse caso, os efeitos terapêuticos da biblioterapia podem ser percebidos através das atitudes dos alunos, das conversas informais e dos depoimentos escritos por eles. O que levou a autora a concluir que a —biblioterapia é uma ferramenta útil no combate às tensões da vida diária e age como pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano|| (CALDIN, 2003, p.414). Além disso, na experiência de Caldin (2003) foi possível observar a recriação da palavra possibilitada por meio das histórias, ou seja, o despertar da fala falante.

Em outro artigo de sua autoria – que não fez parte do material analisado – Caldin (2011, p.36) relata essa experiência e afirma que —os sentidos escondidos nas histórias vieram à tona, as obras se mostraram abertas, propiciaram o excesso, ou seja, suscitaram mais pensamentos do que os contidos nelasl, dessa maneira, —gradativamente, a fala falada foi cedendo lugar à fala falante. A expressão aconteceuul.

No único relato de atividade de biblioterapia realizado numa biblioteca, Bahiana (2009) destaca que o foco foi dado para o alívio do stress dos graduandos em processo de conclusão do curso com a indicação de literatura específica. Segundo a autora, aqueles que recorreram ao auxílio da literatura garantiram a sua eficácia e, inclusive, sugeriram a implementação de um projeto que utiliza essa prática de forma permanente na universidade, pois auxilia no alívio do stress.

Na identificação de como e para quem são executadas as atividades, com base nos artigos brasileiros percebi que nem todos os relatos apresentavam as práticas de forma bem detalhada, com poucas as exceções. O que dificultou, inclusive, identificar em alguns casos se o trabalho foi feito em grupo ou individualmente.

No geral, verifiquei que os textos literários são os materiais mais utilizados pelos aplicadores, mas também houve alguns exemplos de uso de textos informativos, em forma de jornais e revistas. As músicas também estiveram presentes de forma pontual, bem como o teatro e a dança. Mas em nenhum caso foram utilizados filmes ou audiobooks.

No relato de Seitz (2006) ela descreve práticas aplicadas em hospitais onde os encontros ocorriam individualmente no leito dos pacientes. Seitz (2006) conta que visitava os pacientes periodicamente, oportunidade em que conversava com eles sobre as leituras e o estado de saúde. Segundo a autora, esse era um momento gratificante para os interagentes, pois na condição de estarem hospitalizados passavam muito tempo sozinhos sem ter com quem conversar. Vale destacar que a prática executada por Seitz era direcionada aos adultos.

Já no caso descrito por Caldin (2002) as atividades de Biblioterapia estavam voltadas para as crianças internadas e ocorriam de forma coletiva ou individual. As leituras eram feitas em voz alta pela coordenadora e/ou acadêmicos de Biblioteconomia em duas etapas: —a primeira, em grupo para as crianças que podiam se locomover até a Sala de Recreação ou o corredor da Divisão Pediátrica, e, a segunda, leitura individual para as crianças que se encontravam nos leitos‡ (CALDIN, 2002, p.42).

Antes ou depois da leitura os aplicadores da Biblioterapia sempre conversavam de maneira informal com as crianças e seus acompanhantes com o objetivo de —criar um clima de envolvimento‡, e como forma de —resgate das impressões das crianças acerca das histórias‡ (CALDIN, 2002, p.42). No momento da leitura individual no leito das crianças, a autora relata que era imprescindível a colaboração dos acompanhantes e da equipe de enfermagem, o que nem sempre

ocorreu ao longo das atividades, pois às vezes as enfermeiras interrompem a história para aplicar injeção nas crianças.

Em outro relato de Caldin (2003), dessa vez com estudantes da classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara, além da atividade em grupo, também ocorreram momentos de aplicação individual da leitura terapêutica. Essa etapa se deu ao longo dos últimos meses do projeto. A autora conta que foi escolhido um ambiente fora da sala de aula, sem a presença dos colegas, para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar a leitura e as suas próprias histórias.

Nesses momentos, conta Caldin (2003, p.15), —o aluno tinha a liberdade de escolher o que desejava ser lido. Também era solicitado a fazer a leitura se não ficasse constrangido. À leitura, se seguia o diálogo, em formato de uma conversa informal sobre questões suscitadas pelo texto e que poderiam se refletir na vida do interagente; a partir dessa troca a aplicadora da biblioterapia e o aluno iam criando laços de confiança. Para finalizar o encontro era solicitado que o aluno expressasse o que quisesse através de palavras num caderno.

Durante as atividades desenvolvidas por Caldin (2003) foram utilizados apenas textos literários, bem como nas experiências relatadas na maioria dos artigos brasileiros analisados, o que ocorre devido à comprovada eficácia do efeito terapêutico da literatura. Como bem afirma Candido (2011, p. 188) —a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade. Isso se deve, sobretudo, ao componente da efabulação dentre outros elementos que foram analisados na fundamentação teórica deste trabalho.

No entanto, em alguns casos, como nos exemplos de Seitz (2006), Bahiana (2009) e Castro e Pinheiro (2005) foram utilizados também materiais informativos, como jornais e revistas. Segundo Castro e Pinheiro (2005, p. 9) oferecer esse tipo de material para o idoso é uma maneira de evidenciar que ele —não está alienado do mundo, que quer manter-se informado e deseja exercer seu direito de cidadania.

Seitz (2006, p.170) afirma que no caso das pessoas hospitalizadas os jornais e revistas —atuam como um elo de ligação com o mundo exterior, mantendo-os informados sobre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, contribuindo para que continuem se sentindo parte da sociedade; a autora acredita que dessa forma esse tipo de leitura —poderá agir como estímulo à recuperação.

No artigo de Felipe e Gomes (2009, p.159), os autores citam inclusive a utilização de textos bíblicos, além dos literários, mas não dão

detalhes sobre isso; eles contam que após a leitura ocorriam os diálogos com os idosos, e muitos conseguiam compartilhar suas opiniões e argumentos sobre os assuntos abordados, um fato que, segundo eles, surpreendia —até mesmo os seus cuidadores, que até então lidavam com pessoas quietas, introspectivas e passivas

Ainda no artigo de Felipe e Gomes (2009), eles chamam atenção para uma questão recorrente que surge no trabalho biblioterapêutico com idosos: as inúmeras limitações físicas e cognitivas pelas quais eles passam por conta do avanço da idade. Tais limitações impedem muitas vezes que eles leiam, ouçam o que está sendo lido ou compreendam a leitura. Mas os autores destacam que ao longo dos encontros ficou evidente que o afeto e a sensibilização tiveram —impacto positivo, uma vez que, ela se caracteriza como uma linguagem universal e atinge a todos sem distinção (FELIPE; GOMES, 2009, p. 159).

Abaixo segue quadro com um resumo das categorias analisadas com base nos artigos brasileiros.

Quadro 4 – Brasil: categorias por artigo analisado

BRASIL			
ARTIGO	QUEM	ONDE	COMO/ PARA QUEM
Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Escola	Encontro coletivo com leituras e narrações de histórias infantis, atividades lúdicas e diálogo. Público: crianças.
Biblioterapia com crianças com câncer	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Hospital	Encontro coletivo com leituras, contação de histórias, dramatização e oficinas de desenho. Público: crianças.

Continua

continuação

Biblioterapia na melhor idade	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Condomínio residencial	Encontro coletivo com a leitura de uma crônica e a realização de uma dinâmica que proporcionou a interação entre os participantes. Público: idosos.
A parceria entre Ciência da Informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social	Estudantes de cursos diversos	Asilo	Encontros coletivos com a realização de leituras seguidas de diálogo. Público: idosos.
A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico	Bibliotecária	Biblioteca	Foram feitas indicações de materiais de leitura diversos (não detalhou a prática da biblioterapia). Público: adultos.

Continua

continuação

A Biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	Bibliotecária	Hospital	Foram feitos empréstimos de livros, revistas e histórias em quadrinho, bem como várias atividades de lazer e entretenimento, como teatro, dança e recital poético. Público: variado.
Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Asilo	Encontro coletivo com dramatização de uma história, exibição de um vídeo de dança remetendo a temática da história, seguido de um momento de diálogo e interação. Público: idosos.
Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia.	Creche	Encontros coletivos com leitura, contação e dramatização de histórias infantis, seguidas de atividades lúdicas e diálogo. Público: crianças.
Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em Clínicas Médicas	Bibliotecária	Hospital	Encontros individuais com indicações de materiais de leitura diversos e diálogo. Público: adultos

Continua

continuação

Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Asilo	Encontro em grupo com leituras seguidas de diálogo. Público: idosos.
Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência	Professora de Biblioteconomia.	Escola	Encontros coletivos e individuais com atividades diversas, desde leitura e diálogo quanto a dramatização de histórias feita pelos próprios estudantes. Público: jovens e adultos.
A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Hospital	Encontros coletivos e individuais com leitura, contação e dramatização de histórias infantis, seguidas de atividades de desenho e pintura e diálogo sobre a história. Público: crianças
Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência	Professores Estudantes do curso de Biblioteconomia	Hospital	Encontros coletivos e individuais com leitura, contação e dramatização de histórias infantis, seguidas de atividades de desenho e pintura e diálogo sobre a história. Público: crianças

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016.

Verificada algumas características da prática da Biblioterapia no Brasil, parto agora para a análise dos artigos poloneses a fim de

identificar quem são aqueles que executam, onde executam e como e para quem executam a Biblioterapia na Polônia.

4.2 Biblioterapia na Polônia: quem, onde, como e para quem

Com base nos artigos poloneses analisados foi possível identificar que em seis casos o bibliotecário foi apontado como quem executa a Biblioterapia, sendo que em três deles, referentes aos relatos de práticas, o bibliotecário atua sozinho. Em três casos de sugestão de atividade, além do bibliotecário, foram indicados professores ou pedagogos como possíveis aplicadores. Em outros três exemplos, constatei a presença do termo líder para indicar aquele que executa a atividade, sem fazer menção à formação profissional do mesmo. Em apenas um artigo estava explícita que a atividade deveria ser desenvolvida em sala de aula pelo professor.

Quando a atividade é sugerida, os autores sempre citam a possibilidade de que seja aplicada tanto por bibliotecários quanto por professores ou pedagogos. Mesmo quando não é feita nenhuma menção à profissão do aplicador e consta apenas uma referência ao líder da atividade, compreendo que ela pode ser aplicada por qualquer profissional, em especial os três mais citados. Defendo esse ponto de vista, pelo fato de a maioria dos artigos analisados terem como referência os livros de Irena Borecka.

Dentre os artigos analisados, um é de autoria de Borecka e traz uma sugestão de atividade biblioterapêutica aplicada com idosos. Esse é um dos artigos em que é citado apenas o termo líder, não especificando nenhum profissional como aplicador da atividade. Sendo assim, compreendo que ao especificar o termo líder, tanto Borecka, quanto os demais autores que o utilizam no contexto analisado, fazem menção tanto ao bibliotecário, quanto ao professor ou pedagogo.

Em um dos seus livros, Borecka (2001) defende que esses três profissionais podem usar elementos de Biblioterapia em seus trabalhos cotidianos. Para a autora, mais importante do que a formação são alguns pré-requisitos que a pessoa deve ter para estar à frente de uma atividade com esse caráter, dentre os quais estão: ter empatia, saber se colocar no lugar do outro, ter a capacidade de identificar as necessidades dos participantes, conhecer bem o potencial terapêutico da literatura e o impacto que pode ter nas pessoas, respeitar a vontade do outro de

participar ou não da atividade e conhecer técnicas variadas para trabalhar nos encontros (BORECKA, 2001).

No entanto, mesmo que sejam ressaltadas essas características, a problemática da formação dos aplicadores de Biblioterapia sempre vem à tona. Fato constatado em um dos artigos analisados, no qual a autora Rzepecka-Stenka (2010) faz um relato de prática de Biblioterapia na biblioteca pública e ressalta que todos os bibliotecários que haviam participado da atividade de Biblioterapia foram bem preparados e destacou que esses profissionais inspiram confiança e estão aptos para ajudar os participantes da atividade de acordo com seus conhecimentos e experiência, além de serem membros da *Polish Association of Educators and Animator*, instituição que oferece cursos e treinamentos na área de Biblioterapia. Acima de tudo, a autora ressalta que todos possuem amplo conhecimento de literatura e, portanto, estão capacitados na escolha do material para alcançar os objetivos da atividade biblioterapêutica.

Em relação aos locais de aplicação da Biblioterapia, ou seja, onde executa, identifiquei nos artigos poloneses que os espaços da biblioteca e da escola aparecem como os principais locais de aplicação da Biblioterapia. Em um artigo não aparece a especificação de local para a prática sugerida. Em outro caso, sugere-se que a atividade seja feita em locais abertos, como parques e jardins.

Gostaria de destacar alguns casos específicos como o relato de Karpiak (2012), que discorre sobre uma atividade realizada com grupos de pessoas do Centro de Assistência Social, e o artigo de Kasprzyk (2015) que apresenta uma prática biblioterapêutica executada na midiateca de uma biblioteca pública municipal.

A atividade realizada por Karpiak (2012) ocorreu tanto nas dependências do centro como em outros espaços externos, a exemplo de cinema, biblioteca, sala de computadores, escritórios e restaurantes. Tais lugares foram pensados para que os participantes pudessem explorar espaços distintos e assim se sentirem parte desse todo. Isso demonstra as inúmeras possibilidades quando se pensa numa atividade de biblioterapia, a qual deve ser elaborada de acordo com as necessidades dos participantes.

Como citado anteriormente, a biblioteca, na maioria das vezes, aparece como um local de aplicação da biblioterapia nos artigos poloneses. O diferencial identificado no relato de Kasprzyk (2015) é que a prática relatada ocorre na midiateca da biblioteca. O espaço possui acervo de CDs, DVDs e audiobooks e uma sala de projeção com

capacidade para 30 pessoas. Essa proposta foge do uso convencional da sala de leitura.

Outra tendência interessante aparece nas propostas de atividades a serem realizadas na escola. Nesses casos, os autores ressaltam que deve ser executada fora da sala de aula, como citado por Widerowska (2008), Pietrzykowska (2008) e Urbańska (2014).

Urbańska (2014), por exemplo, afirma que os professores podem utilizar elementos biblioterapêuticos no dia a dia da sala de aula, mas sugere que os encontros sejam feitos na biblioteca ou no pátio da escola, como uma atividade extracurricular. Já Pietrzykowska (2008) sugere a sala de informática.

Essa associação do local onde a prática é realizada com o tema que será trabalhado também é feita por Borecka (2008) na sua sugestão de atividades para idosos. Como o texto escolhido para conduzir os encontros versa sobre a temática do jardim, a autora sugere que a preferência seja por espaços abertos, como parques e jardins, onde os participantes possam se sentir à vontade e tenham a oportunidade de interagir com o meio ao seu redor.

Em se tratando da prática em si, como e para quem executa, verifiquei que as atividades são todas realizadas em grupo e utilizam os textos literários como protagonistas dos encontros, mas há também exemplos de práticas com utilização de músicas e exibição de filmes. Os autores sempre descrevem de forma detalhada as atividades, com indicação dos textos e materiais auxiliares utilizados e exemplificando as técnicas trabalhadas. Faço a análise e descrição de alguns casos que mais me chamaram atenção, ora por serem muito bem detalhados, ora por apresentarem algum elemento novo na maneira como a Biblioterapia é praticada.

Volto a citar a atividade realizada no Centro de Assistência Social e descrita por Karpiak (2012). A autora relata que foram realizados encontros de 30 horas, com grupos de 12 a 15 pessoas, com idade variada, a maioria mulheres, mães solteiras, envolvidas com problemas relacionados a álcool, drogas, pobreza e violência na família. Todos os interagentes estavam desempregados há muito tempo e, portanto, se encaixavam num grupo de pessoas com risco de exclusão social. A atividade biblioterapêutica foi pensada para amenizar esse problema.

Como preparativos da atividade foram realizadas entrevistas com os assistentes sociais e aplicado um questionário para os interagentes com o objetivo de conhecer as preferências de leitura e os interesses de cada um. Para conduzir as atividades foram escolhidos

textos que abordavam as temáticas preferidas pelos interagentes. No artigo a autora descreve o material que foi escolhido, com as referências e um breve resumo das obras. Constam em sua maioria livros de literatura polonesa e uma obra do escritor russo Dostoyevsky. Também foram utilizados filmes, audiobooks, e crônicas e artigos de jornais e revistas (KARPIAK, 2012).

Karpiak (2012) relata que o material utilizado servia de ponto de partida para os encontros, e foram discutidas questões do dia a dia com base nos personagens das histórias lidas. Dessa forma, os interagentes puderam comparar suas vidas com a deles e aprender a partir das experiências e relatos do grupo. De acordo com a autora, as atividades foram proveitosas, pois os envolvidos declararam que acharam válidas as discussões sobre problemas abordados e puderam aprender com os exemplos para evitar situações desagradáveis na vida real. A autora, que foi a aplicadora da Biblioterapia com esse grupo bem específico, conclui que a atividade foi positiva, pois encorajou os participantes a tomarem parte das discussões, falar sobre seus sentimentos e se sentir parte de um grupo.

Outro artigo que chamou atenção pela riqueza de detalhes na descrição de como fazer foi o do Borecka (2008); ela sugere a execução de uma atividade voltada para os idosos. A autora sugere quatro encontros biblioterapêuticos elaborados a partir de trechos de um livro específico intitulado *‘Jardim’ – Ogrody* - escrito por Maria Bobrowa.

No artigo de Borecka (2008) ela propõe a realização de quatro encontros com a mesma temática divididos em momentos distintos. Inicialmente, os participantes seriam recebidos com uma música relacionada à temática dos jardins, sempre a mesma nos quatro encontros. Após a recepção, os interagentes iniciariam uma conversa informal sobre um assunto a ser aprofundado a partir do trecho do livro escolhido para o encontro, podendo ser usadas técnicas diferentes de interação para estimular a participação. Em seguida, seria feita a leitura do texto e os interagentes dialogariam sobre as situações vividas pelo personagem do livro escolhido, que também é uma pessoa idosa. Mas, além das discussões, os interagentes também levantariam sugestões e listariam conselhos para o personagem, ao mesmo tempo em que iriam revisitando suas próprias vidas. Ao longo dos encontros, os idosos, estimulados pela leitura, seriam convidados a falar sobre o seu dia, seus animais preferidos, sua relação com o espaço do jardim, com os jovens, dentre outros assuntos.

Quando o público-alvo é formado por crianças, o que ocorre em oito dos dez artigos poloneses analisados, os modos de fazer acabam se

repetindo. A leitura (narração ou dramatização) sempre se faz presente, seguida de um momento de interação com brincadeiras, jogos e encenações, feitas pelos pequenos interagentes. Mas vale chamar atenção para alguns detalhes. Como cada encontro, ou sugestão de atividade, é direcionada para resolver algum tipo de conflito, ou para um grupo específico de crianças, algumas ressalvas são feitas pelos autores.

Como por exemplo, na atividade sugerida para crianças com deficiência intelectual, Ippoldt (2009) propõe a utilização dos contos de fadas, pois estes são de fácil compreensão e ajudam a crianças a identificar e nomear suas emoções e a enfrentar situações difíceis. No entanto, quando se trabalha com esse público específico ela aponta que podem existir possíveis barreiras na compreensão por conta do uso das metáforas, que devem ser amenizadas pelo aplicador da biblioterapia. Para tanto, aponta que a dramatização com uso de fantoches é uma excelente forma de conduzir a atividade, pois acaba envolvendo as crianças e transforma a atividade num momento de brincadeira, e afirma que ao final elas também querem fazer parte da encenação.

No artigo de Matras-Mastalerz (2009) o foco é dado às crianças e adolescentes no contexto escolar que sofrem com problemas de ansiedade e agressão em vários níveis. Ao delinear a problemática ela cita a possibilidade de agressão contra a própria vida, como os casos de anorexia, bulimia e suicídio. Ao retratar esse último caso a autora faz referência à obra do autor brasileiro Paulo Coelho, que aborda a questão do suicídio no livro *Verônica decide morrer*⁸.

Para trabalhar temas tão delicados, Matras-Mastalerz (2009) afirma que o biblioterapeuta deve criar um ambiente no qual o jovem possa fazer amigos e criar laços fortes, pois uma das causas de agressões é falta de interesse, desânimo, sensação de não pertencimento e incapacidade de falar e ouvir. Ela cita muitos autores e títulos que falam sobre a temática, especialmente de literatura polonesa e sugere a leitura em voz alta com o objetivo de desenvolver a autoestima dos interagentes.

Além disso, afirma que a utilização de músicas nos encontros é benéfica e pode ser conduzida com objetivos diferentes: músicas calmas para fazer o grupo relaxar ou músicas agitadas para liberar tensões. A autora destaca ainda o exercício de escrever cartas como um meio de dar voz aos sentimentos. Nesse caso, o interagente teria que redigir uma carta para uma pessoa que a machucou ou alguém que foi vítima de sua

⁸COELHO, Paulo. *Verônica decide morrer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

agressão. Depois de escrita, a carta poderia ser destruída ou entregue ao destinatário (MATRAS-MASTALERZ, 2009).

Além dos textos de literatura, alguns artigos poloneses fazem referência à utilização de filmes nas atividades biblioterapêuticas. Kasprzyk (2015), por exemplo, relata a prática biblioterapêutica realizada na biblioteca pública municipal de Bolesławiec, onde ocorrem exposições de filmes com fins terapêuticos para as crianças e os adolescentes. Segundo a autora, no contexto da Biblioterapia o filme é entendido como uma variação estética do livro, e afirma que é a literatura audível e visível; da mesma forma que o texto, serve como estímulo para as discussões e para despertar os mesmos efeitos terapêuticos que a literatura escrita.

No entanto, mesmo assim, em seu relato Kasprzyk (2015) ressalta que nas atividades com esse fim realizadas na biblioteca de Bolesławiec o filme nunca é apresentado isoladamente, sempre está aliado com a literatura e com alguma atividade artística. Por vezes, ocorrem oficinas de artes manuais sobre a temática.

Kasprzyk (2015) chama atenção para o fato de que a oferta de filmes adequados para atividades terapêuticas é muito grande e isso requer cuidado na hora da escolha, levando em consideração as características e necessidades do público. Ao longo do artigo ela faz referência a vários filmes, séries e documentários que podem ser apresentados com objetivos específicos a critério do bibliotecário ou a pedido dos professores que conduzem os estudantes para os encontros biblioterapêuticos.

Segue quadro com um resumo das categorias analisadas com base nos artigos brasileiros.

Quadro 5 – Polônia: categorias por artigo analisado

POLÔNIA			
ARTIGO	QUEM	ONDE	COMO / PARA QUEM
Função terapêutica dos filmes para crianças durante as atividades da Biblioteca Pública municipal de I	Bibliotecários com a presença de professores, psicólogos ou pedagogos da escola.	Biblioteca.	Encontros coletivos com exibição de filmes juntamente com textos literários. Por vezes, ocorrem oficinas de artes manuais sobre a temática trabalhada no encontro. Público: crianças e adolescentes.
O uso de biblioterapia no trabalho com estudantes entre 10 e 12 anos com baixa auto-estima	Bibliotecários, pedagogos ou professores.	Biblioteca da escola ou no pátio da escola.	Não explica claramente como conduzir a atividade. Público: crianças.
Bibliografia analítica para encontros de Biblioterapia com as pessoas em risco de exclusão social	Bibliotecário	Em vários espaços, inclusive na Biblioteca.	Encontros coletivos com a utilização de diversos materiais, dentre eles livros, trechos de livros, artigos de jornais e revistas, além de filmes, audiobooks, e livros ilustrados. O grupo sempre discutia algum tema levantado pela leitura e participavam de atividades manuais. Público: adultos

Continua

Continuação

Biblioterapia na Biblioteca Pública municipal de Gdynia Library	Bibliotecário	Biblioteca.	Encontros coletivos com uso de livros, filmes, músicas e audiobooks. As atividades contam com a parceria das escolas da cidade. Público: crianças e adolescentes.
Biblioterapia para crianças com problemas de aprendizagem	Não específica	Não específica	Encontros coletivos com dramatização de contos de fadas com o auxílio de fantoches. Público: crianças.
Maneiras de minimizar o impacto da ansiedade e agressão de crianças e adolescentes através da Biblioterapia	Bibliotecário ou professor.	Escola.	Encontros coletivos em com a utilização de músicas, leitura em voz alta e técnica de brainstorm, a escrita e o diálogo. Apresenta sugestões de textos que podem ajudar na condução dos encontros. Público: crianças e adolescentes.
Programa de Biblioterapia	Não específica	Biblioteca.	Encontros coletivos, programa de cinco encontros de 50 minutos cada, com histórias e atividades de interação para as crianças. Público: crianças.

Continua

Continuação

<p>Existe esse tal jardim – Um programa terapêutico para idosos</p>	<p>Não especifica.</p>	<p>Não especifica o local, mas sugere que a preferência seja por espaços abertos como parques e jardins.</p>	<p>Encontros coletivos, programa de quatro encontros elaborados a partir de trechos de um livro específico, música, leitura, diálogo e interação entre os participantes.</p> <p>Público: idosos.</p>
<p>Oficina de Biblioterapia</p>	<p>Bibliotecário, pedagogo ou professor.</p>	<p>Pode ser feita na escola (mas não na sala de aula) em bibliotecas, centros culturais, asilos, ou qualquer espaço que seja agradável para receber o encontro.</p>	<p>Propõe a confecção livros brinquedos ou livros fáceis de ler que podem ser usados em atividades com crianças pequenas ou com alguma necessidade especial.</p> <p>Público: crianças com ou sem necessidades especiais.</p>
<p>Computador não é o mundo real: Atividades biblioterapêuticas com estudantes do quinto ano</p>	<p>Professores.</p>	<p>Sala de computadores da escola.</p>	<p>Encontros coletivos com a utilização de livros, dinâmicas, dramatização e atividades nos computadores.</p> <p>Público: adolescentes.</p>
<p>Função terapêutica dos filmes para crianças durante as atividades da Biblioteca Pública municipal de I</p>	<p>Bibliotecários com a presença de professores, psicólogos ou pedagogos da escola.</p>	<p>Escola.</p>	<p>Encontros coletivos com exibição de filmes juntamente com textos literários. Por vezes, ocorrem oficinas de artes manuais sobre a temática trabalhada no encontro.</p> <p>Público: crianças e adolescentes.</p>

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016.

Essas foram as características que identifiquei com base nos artigos poloneses. A seguir teço algumas considerações a respeito das distâncias e aproximações verificadas na prática do Brasil e da Polônia descrita na literatura analisada.

4.3 Distâncias e aproximações: Brasil x Polônia

No geral, a análise dos artigos, tanto os brasileiros quanto os poloneses, revelou que os bibliotecários estão presentes na execução das atividades de Biblioterapia. Mas no Brasil, as práticas em sua grande maioria, ou seja, em dez dos treze casos analisados, estão ligadas a projetos de extensão de universidades, que são coordenados por docentes com formação em Biblioteconomia e contam com a participação de estudantes dessa mesma área e, portanto, futuros bibliotecários.

Em relação aos artigos poloneses, dos dez analisados nove citavam (ou davam a entender) o bibliotecário como aplicador ou possível aplicador. Apenas em um caso estava explícito que a atividade deveria ser desenvolvida por professores.

Um fato interessante observado nos artigos poloneses é o uso recorrente do termo biblioterapeuta para designar os profissionais envolvidos com as atividades de Biblioterapia. Enquanto no Brasil há uma discussão acerca dessa classificação e, por conta disso, nos artigos analisados o termo é pouco utilizado, na Polônia parece haver um consenso com relação à utilização da palavra.

No Brasil, há divergências quanto ao uso do termo, pois enquanto alguns estudiosos entendem que biblioterapeuta se refere ao profissional da área médica, outros o utilizam sem cerimônia; além disso, muito se questiona sobre o papel do bibliotecário na prática biblioterapêutica.

Pinto (2005, p. 42), por exemplo, defende que o bibliotecário pode atuar nessa área, no entanto, —a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramol.

Guedes (2013, p. 244), por outro lado, afirma que o papel do bibliotecário dentro da Biblioterapia é o de mediador da informação, ou seja, cabe a ele selecionar —materiais informacionais adequados para disseminar informações às pessoas com determinadas necessidades.

Caldin (2010, p.46), no entanto, defende que os bibliotecários podem atuar nas atividades biblioterapêuticas e que em nenhum momento eles devem ser vistos como analistas ou terapeutas, pois não intervêm no processo, —deixam ao cargo do leitor, do ouvinte, ou espectador, a interpretação de textos de acordo com as emoções, necessidade ou interesse individuais. Por conta disso, a autora não faz uso do termo biblioterapeuta, ela prefere chamar aquele que conduz a prática biblioterapêutica de aplicador da biblioterapia.

Em comum, tanto na prática dos brasileiros quanto dos poloneses está o aspecto da interdisciplinaridade, uma característica muito enfatizada nos trabalhos dos dois países. Em determinados contextos, como nos hospitais, asilos ou mesmo escolas, é imprescindível que o trabalho de Biblioterapia seja conduzido de forma interdisciplinar. É isso que defende Witter (2004, p.196) ao afirmar que a interdisciplinaridade é o —caminho a trilhar pelo profissional que deseja recorrer à Biblioterapia.

Esse aspecto também foi identificado em alguns artigos poloneses, que citam a presença de outros profissionais além do bibliotecário para dar suporte à atividade de biblioterapia, a exemplo do relato de prática de Kasprzyk (2015) realizada com estudantes na biblioteca pública de Bolesławiec.

Nesse exemplo, Kasprzyk (2015) enfatiza que, como os grupos recebidos na biblioteca, em sua maioria, são de estudantes, os bibliotecários sempre contam com a parceria de professores, psicólogos ou pedagogos da escola. E ressalta que essa presença é essencial especialmente quando se trabalha com grupos de adolescentes, pois os problemas levantados por eles requerem o conhecimento de um especialista.

Uma das distâncias mais marcantes entre a prática aplicada nos dois países, foi o fato de a biblioteca aparecer como local de aplicação da Biblioterapia em apenas um artigo brasileiro. Já nos artigos poloneses analisados a biblioteca aparece como espaço de prática em seis casos explicitamente, três relatos de práticas e três sugestões de atividades.

Percebe-se que no Brasil a Biblioterapia é executada principalmente em hospitais, asilos e escolas. Na Polônia, nas bibliotecas, escolas e espaços variados, a exemplo de parques, jardins e centros de assistência social. A escola aparece como o local onde a

Biblioterapia está presente nos dois países. Isso se deve, talvez, ao fato da leitura estar ligada ao espaço de aprendizagem.

Em polonês, por exemplo, o que denominamos de Biblioterapia de Desenvolvimento também pode ser chamada de Biblioterapia Educacional, que segundo Borecka (2001) pode ajudar estudantes que estejam enfrentando problemas de aprendizagem, dentre outros, contribuindo dessa forma para a saúde física e psicológica dos mesmos. No caso polonês, a sugestão de atividade voltada para estudantes com problema de baixa auto-estima e agressão no ambiente escolar ilustra bem a aplicação da biblioterapia educacional descrita por Borecka. Já no caso brasileiro, o exemplo de prática de Caldin com os alunos da classe de aceleração ilustra bem esse conceito.

Na prática da biblioterapia observada a partir dos artigos brasileiros, fica evidente a preferência dos aplicadores pelo público de idosos, crianças e pessoas hospitalizadas. No caso da Polônia esse último público não está presente e a maioria das atividades é voltada para as crianças.

Em relação ao fazer em si, observo poucas distâncias e algumas aproximações sobre como ocorre a prática nesses dois países. No Brasil os textos escritos são muito presentes, em detrimento de outros tipos de materiais, a exemplo dos recursos audiovisuais. Apenas no relato de Rossi, Rossi e Souza (2007) foi especificada a exibição de um vídeo de uma apresentação de dança, temática da história trabalhada com as idosas, e a reprodução de músicas, no caso marchinhas de carnaval de décadas passadas, executadas como pano de fundo durante o diálogo com as interagentes. Já na Polônia, o recurso de filmes e da música está bem presente como outra forma de expressão do texto literário, que ocupa lugar de destaque nas práticas, mas sem prescindir do texto na sua forma escrita.

No geral, o modo de execução da Biblioterapia tanto no Brasil quanto na Polônia, independente do público a que se destina, conta com o elemento do diálogo e da interação baseados na literatura. O afeto, como bem observaram Felipe e Gomes (2009), também é constantemente citado como um elemento terapêutico. Essa troca tem uma via de mão dupla: além de dar, o aplicador da biblioterapia também recebe, como concluem Lima e Caldin (2013, p.618), ao afirmar que —as crianças proporcionavam muitos momentos bons à acadêmica, que sentiu o afeto da turmal.

Esse aspecto também foi observado por Caldin (2003, p.16) que afirmou que a —leitura do texto literário, as atividades lúdicas, o carinho e afeto partilhados, fortaleceram o grupo como um todo e demonstraram

que, de fato, a biblioterapia é uma ferramenta útil no combate às tensões da vida diária, além de agir como —pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano.

Sem dúvida, com base nos exemplos analisados dos dois países, a Biblioterapia se configura como uma prática —econômica, democrática e de resultado, o que a torna uma —uma estratégia particularmente útil para os que estão preocupados com o social, que atuam em instituições ou na comunidade (WITTER, 2004, p. 195).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] as histórias que as pessoas contam entre si criam um tecido forte que pode aquecer as noites espirituais e emocionais mais frias (ESTÉS, 1998, p.38).

Esse é o momento do arremate final, onde teço as últimas palavras, reforçando algumas já apresentadas e sugerindo outras para suscitar reflexões sobre o que foi percebido ao longo deste trabalho.

A partir da análise apresentada percebo que, de fato, há algumas distâncias e aproximações da prática da biblioterapia no Brasil e na Polônia. Dentre as aproximações que eu destacaria está a utilização dos textos literários e a presença dos elementos do diálogo e da interação como o modo de fazer da Biblioterapia. Essa semelhança vem reforçar a importância não só da literatura e sua potência terapêutica, mas também confirma que o compartilhamento dos pensamentos, sentimentos e emoções suscitados pelas histórias é um aspecto imprescindível na prática biblioterapêutica, confirmando o que foi apresentado na fundamentação conceitual e teórica deste trabalho tendo por base autores como Gadamer, Ouaknin e Caldin.

Em relação às distâncias, os artigos brasileiros revelaram que a atuação do bibliotecário na prática da Biblioterapia é pequena e o espaço da biblioteca é pouco explorado para as atividades desse tipo. Já nos exemplos poloneses a prática biblioterapêutica aparece com destaque, em especial, nas bibliotecas e os bibliotecários são citados como aplicadores das atividades.

Tenho consciência que o recorte utilizado na pesquisa pode ter influenciado esse resultado. Talvez os bibliotecários que atuam com a Biblioterapia no Brasil simplesmente não estão publicando sobre suas experiências. Ou ainda, publicam, mas em outros meios que não os periódicos científicos.

Para mim, o resultado da análise suscitou mais curiosidade sobre a temática da prática da Biblioterapia em terras brasileiras. A pesquisa gerou alguns questionamentos que poderão ser respondidos em trabalhos futuros com uma abordagem mais ampla que possa delinear

um retrato mais definido de quem são os profissionais que atuam com a Biblioterapia no Brasil, onde eles estão atuando, de que forma fazem e para quem direcionam as atividades de Biblioterapia.

Além disso, fico a me perguntar: Será que os ex-alunos da disciplina de Biblioterapia da UFSC seguem realizando práticas de Biblioterapia? Afinal, o exemplo da UFSC é pioneiro e, para mim, a partir da análise dos artigos brasileiros ficou clara a importância do trabalho que vem sendo realizado há quase 15 anos pela professora Clarice Fortkamp Caldin. Pois, a maioria dos artigos analisados expõem práticas que foram realizadas no contexto da disciplina. Seria interessante, portanto, verificar se a atividade biblioterapêutica continua fazendo parte da prática desses atualmente formados bacharéis em Biblioteconomia.

Apesar de ter abordado um universo restrito e bem específico, o da literatura científica, acredito que este trabalho de pesquisa trouxe algumas contribuições além das inúmeras indagações. Em especial, o fato de expandir o olhar para além das fronteiras do Brasil foi algo que, particularmente, ampliou a minha forma de encarar a prática da Biblioterapia.

A partir dos exemplos vindos de terras polonesas foi possível vislumbrar novas possibilidades de atuação e caminhos para melhor desenvolver a temática no Brasil, tais como: promover programas de Biblioterapia nas bibliotecas; levar a potência terapêutica das histórias para diferentes espaços como parques, jardins e centros sociais e comunitários; expandir a aplicação para diferentes públicos; incentivar o interesse em relação à pesquisa e, com isso, aumentar o número de publicações sobre o tema, incluindo artigos com sugestões de atividades, o que, sem dúvida, pode ajudar os profissionais que queiram se aventurar por esses caminhos biblioterapêuticos.

No sentido de contribuir com a formação dos profissionais interessados nessa prática, também seria de fundamental importância a criação de cursos de especialização na área, a fim de suprir uma carência apresentada pelos cursos de graduação que não abordam a temática ao longo da formação de diferentes profissionais, potenciais aplicadores de Biblioterapia, quer seja bibliotecário, professor, pedagogo, dentre outros.

Além disso, destaco que seria interessante a criação de uma versão brasileira da Sociedade Polonesa de Biblioterapia. Tal instituição tem sido bem atuante há mais de 20 anos na formação de profissionais e na divulgação da prática no país. Sem dúvida, o Brasil precisa de uma organização desse nível que seja ativa e que possa congrega todos

aqueles que já fazem Biblioterapia em diferentes esferas, reforçando o caráter interdisciplinar da área para que juntos possam ter mais força para enfrentar os desafios dessa caminhada.

Enquanto pesquisadora e aplicadora da Biblioterapia confesso que muitas vezes me sinto sozinha nessa jornada. Acredito que minha orientadora por vezes também deve se sentir assim. Graças ao universo estamos aqui juntas para, assim como a Moça Tecelã de Marina Colassanti, tecermos juntas lindas colchas de retalhos, bordando contos, alguns dos quais vindos de lugares distantes, como a Polônia.

Por fim, fico com a certeza que minha caminhada no universo da Biblioterapia não para por aqui, está apenas começando. Na bagagem levo as histórias que vou colhendo pelo caminho e as outras tantas que vou tecendo a partir dos encontros que a prática e a pesquisa proporcionam.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Agripa Faria. **Metodologia científica e educação**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BAHIANA, N. D. S. A. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-79, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7427>>. Acesso em: 24 ago. 2016

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERNARDINO, M. C. R.; ELLIOTT, A. G.; ROLIM NETO, M. L. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, 198-210, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/13322>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.

BRAGA, Katia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em ciência da informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.17-38.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BORECKA, Irena. **Biblioterapia forma terapii pedagogicznej**. Walbrzych: Wyższej Szkole Zawodowej w Walbrzychu, 2001.

BORECKA, Irena. Sa Takie Ogrody: Program Terapeutyczny dla Seniorow. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 6, p. 29-32, 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57726859/DF78DA63437D45E3PQ/15?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

BUDZINSKA, Anna. Arteterapia ze szczególnym uwzględnieniem biblioterapii na łamach wybranych czasopism dla bibliotekarzy (Poradnik Bibliotekarza, „Bibliotekarz”, „Biblioteka w Szkole”) w latach 2009 - 2011 - próba bibliografii adnotowanej.

Biblioterapeutyczny, v. 1, n. 1, p. 77-110, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotekacyfrowa.pl/Content/62927/Przeglad_biblioterapeutyczny_2014_IV_1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2016.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 157-170, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8129>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Wolfgang Iser. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, p. 1-7, out. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out12/Art_04.htm>. Acesso em: 28 dez. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a Biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1932/2053>. Acesso em: 9 jun. 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, n. 21-22, jan. / ago. 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/00954119509/Downloads/Dialnet-BiblioterapiaAtividadesDeLeituraDesenvolvidasPorAc-1281420.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 10-17, jan. /dez. 2003. Disponível

em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8117>>. Acesso em: 24 ago 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 38-54, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1329>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003.

CASTRO, R. B.; PINHEIRO, E. G. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, Paraíba, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9269>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

CORRÊA, Elisa C.D. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23/28292>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

COSTA, Maira Murrieta; CUNHA, Murilo Bastos da. A literatura internacional sobre e-science nas bases de dados LISA e LISTA. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 127-144, nov. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n44p127/30493>>. Acesso em: 02 maio 2016.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.

CROTHERS, Samuel McChord. A literary clinic. **The Atlantic Monthly**, p. 291-301, set. 1916. Disponível em:

<<http://www.unz.org/Pub/AtlanticMonthly-1916sep-00291>>.

Acesso em: 15 out. 2016.

CZERNIANIN, Wiktor. **Teoretyczne Podstawi Biblioterapii.**

Wroclaw: Atut, 2008.

CZERNIANIN, Wiktor. Catharsis in Poetry Therapy. **Polish Journal of Applied Psychology**, Wroclaw, v. 12, n.2, p. 25-38, 2013. Disponível em:

<<http://www.pjap.psychologia.uni.wroc.pl/sites/default/files/Czernianin.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESTÉS, Clarissa Pinkolas. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ESTÉS, Clarissa Pinkolas. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico.** São Paulo: EdUsp, 2008.

FELIPE, A. A. C.; GOMES, J. F. A parceria entre ciência da informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 147-163, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/14181>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde.** 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, Adriano Lopes. O tempo tece o verbo na voz: o contador de histórias e as memórias de leituras. **Vivências**, Natal, n. 29, p.23-32, 2005. Disponível em :

<http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET_29/1_DOSSI%C3%8A_narrativa%20e%20mem%C3%B3ria/CAP%20ADRIANO%20LOPES%20GOMES.pdf>. Acesso em 05 set. 2016.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1, p. 79 -108.

GUEDES, Mariana Giuberti. **A Biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil**: a mediação da informação. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13659/1/2013_MarianaGiubertiGuedes.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2015.

GUERVÓS, Luis, E. de Santiago. **Perfil de Hans-Georg Gadamer (1900-2002)**. Málaga, 2011. Disponível em:
<<http://www.uma.es/gadamer/page6/index.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

IPPOLDT, Lidia. Kiedy musze nauczyc sie zyc -- biblioterapia dzieci niepełnosprawnych intelektualnie. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 3, p. 33-37, 2009. Disponível em:
<<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/964166968/DF78DA63437D45E3PQ/11?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago 2016.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1999. v.2.

KARPIAK, Wioletta. Bibliografia analityczna do zajęć biblioterapeutycznych z osobami zagrożonymi wykluczeniem społecznym, organizowanych w Ośrodku Profilaktyki Rodzinnej oraz w Miejskim Ośrodku Pomocy Społecznej w Chojnicach. **ą Biblioterapeutyczny**, n. 2, p. 105-130, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/docmetadata?id=64463&from=publication>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

KARWOWSKI, Marcin. Kształcenie biblioterapeutów w Polsce. **Buletyn EBIB**, n. 137, 2013. Disponível em: <<http://open.ebib.pl/ojs/index.php/ebib/article/view/92>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

KASPRZYK, Dorota. Terapeutyczne funkcje dziecięcej filmoteki wykorzystywanej podczas spotkań z młodym czytelnikiem w Miejskiej Bibliotece Publicznej w Bolesławcu. **ą p**, n. 1, p. 33-64, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/docmetadata?id=64463&from=publication>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 18, n. 1, p. 599-622, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11984>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

LUCAS, Elaine. R. de Oliveira.; CALDIN, Clarice Fortkamp.; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/4279>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

MALCZEWSKI, Zdzisław. **Os poloneses e seus descendentes no Brasil**: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. 2016. Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/site/historia.php>. Acesso em: 02 maio 2017.

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. **A biblioteca escolar e a biblioterapia**: relato de uma experiência. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares) - Universidade Aberta, Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2302/1/Cristina%20Maltez.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

MATRAS-MASTALERZ, Wanda. Kiedy boje sie szkoly? Metody oddziaływania biblioterapeutycznych minimalizujących lek i agresje wśród dzieci i młodzieży. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 6, p. 36-39, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1684420474/DF78DA63437D45E3PQ/13?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MAZUREK, Jerzy. Brasil e Polônia - 90 anos de relações diplomáticas. **Polonicus**: Revista de reflexão Brasil-Polônia. Curitiba, ano 1, n. 2. p. 75- 85, 2010. Disponível em: <<http://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2012-08-20%2015-11-50.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo; Hucitec, 2008.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MONROE, Margaret E.; RUBIN, Rhea. Bibliotherapy: Trends in the United States. In: General Council Meeting of the International Federation of Library Association. 40, 1974, Washington. Anais... Washington: IFLA, 40, p. 2-13. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED107284.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

OLIVEIRA, Aurénea Maria. A constituição da verdade em Hans G. Gadamer e Michel Foucault. **Revista aulas**, Campinas, n. 3, p. 1-30,

março 2007. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/view/1912/1372>
. Acesso em: 10 set. 2016.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). 2016. Disponível em:
<http://www.oecd.org/>. Acesso em: 10 fev. 2016.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Ed. 70, 2006.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PIETRZYKOWSKA, Lilla. "Komputer nie jest realnym swiatem": scenariusz zaje. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 5, p. 31-32, 2008. Disponível em:

<<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57677125/DF78DA63437D45E3PQ/18?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PINTO, Virgínia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v17n1/03.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2017.

PROKOPOWICZ, Magdalena. Biblioterapia — istota, cele i rodzaje. **Biuletyn EBIB**, n. 150, 2014. Disponível em:<
<http://open.ebib.pl/ojs/index.php/ebib/article/view/257>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

QUEIROZ, Sonia (Org.). **Glossário de termos de edição**. Belo Horizonte: Fale/Viva Voz, 2008.

RIPLEY, Amanda. **As crianças mais inteligentes do mundo: e como elas chegaram lá**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n. 2, p. 322-340, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8033>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

RZEPECKA-STENKA, Renata. Biblioterapia w Pracy Gdynskiej Biblioteki. **Bibliotekarz**, n.5, p. 14-16, 2010. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1504414688/DF78DA63437D45E3PQ/5?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

SEITZ, Eva M. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 9, n. 2, p. 145-169, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/5022>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

SEITZ, Eva M. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8079>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. Fenomenologia e Hermenêutica. In: CAPALBO, Creusa (Org.). **Fenomenologia e Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983. p.9-34.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em : <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0170.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study**. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) - University of Califórnia, Berkeley, 1949.

SOUZA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA

DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: ENANCIB, 106. p. 1-20. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/Iti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016>. Acesso em: 04 mar. 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

WIDEROWSKA, Maria. Warsztat Biblioterapeutyczny. **Poradnik Bibliotekarza**, n.1, p. 34-37, 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57699962/DF78DA63437D45E3PQ/1?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

WIDZOWSKA-PASIAK, Agata. Program biblioterapeutyczny -- osvajanie straszaków. Część druga. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 2, p. 35-39, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1221405596/DF78DA63437D45E3PQ/10?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. p. 182-198.

UNIVERSITY OF WROCLAW. 2015. Disponível em: <<http://www.psychologia.uni.wroc.pl/?q=biblioterapia>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

URBAŃSKA, Karolina. Ja o sobie - zastosowanie biblioterapii w pracy z uczniami klas 4-6 szkoły podstawowej o obniżonej samoocenie. **ap**, n. 1, p. 34-49, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/publication?id=62930&tab=3>>. Acesso em: 25 ago. 2016.